JÚLIO DANTAS

CRUCIFICADOS

LIVRARIA BERTRAND
LISBOA

Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/crucificados00dant

CRUCIFICADOS

Peça em 4 actos,
representada pela primeira vez, em 15 de fevereiro de 1902,
no antigo Teatro D. Amélia

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

POESIA

Nada (1896) — 3.ª edição.
Sonetos (1916) — 5.ª edição.

PROSA

Outros tempos (1909) — 3.ª edição.
Figuras de ontem e de hoje (1914) — 3.ª edição.
Pátria Portuguesa (1914) — 4.ª edição.
Ao ouvido de M.me X (1915) — 5.ª edição.
O amor em Portugal no século XVIII (1915) — 3.ª edição.
Mulheres (1916) — 6.ª edição.
Êles e Elas (1918) — 4.ª edição.
Espadas e Rosas (1919) — 5.ª edição.
Como elas amam (1920) — 4.ª edição.
Abelhas doiradas (1920) — 2.ª edição.
Os galos de Apollo (1921) — 2.ª edição.
Arte de amar (1922) — 2.ª edição.
O heroísmo, a elegância, o amor (1923).
As Grandes Batalhas — No prelo.

TEATRO

O que morreu de amor (1899) — 5.ª edição.
Viriato Trágico (1900) — 2.ª edição.
A Severa (1901) — 4.ª edição.
Crucificados (1902) — 3.ª edição, refundida.
A Ceia dos Cardeais (1902) — 26.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902) — 4.ª edição.
Paço de Veiros (1903) — 3.ª edição.
Um serão nas Laranjeiras (1904) — 4.ª edição.
Rei Lear (1906) — 2.ª edição.
Rosas de todo o ano (1907) — 10.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) — 5.ª edição.
Auto de El-Rei Seleuco (1908) — 2.ª edição.
Santa Inquisição (1910) — 3.ª edição.
O Primeiro Beijo (1911) — 5.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) — 3.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) — 3.ª edição.
1023 (1914) — 3.ª edição.
Sóror Mariana (1915) — 3.ª edição.
Carlota Joaquina (1919) — 3.ª edição.
D. João Tenório (1920) — 2.ª edição.
A Castro (1920).

A data indicada para cada obra é a da sua primeira edição.

JÚLIO DANTAS
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

CRUCIFICADOS

3.ª EDIÇÃO, REFUNDIDA

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL
SOCIEDADE EDITORA
ARTHUR BRANDÃO & C.ª
58 — RUA GARRETT — 60

Reservados todos os direitos de reprodução: em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Código Civil Português;* no estrangeiro (países da União) em harmonia com a Convenção de Berne, a que Portugal aderiu por decreto de 18 de Março de 1911, e a que o Brasil aderiu tambem pela lei n.º 4:541, de 6 de Fevereiro de 1922, e decreto n.º 15:530, de 21 de Junho do mesmo ano. A propriedade desta obra pertence a ARTHUR BRANDÃO & C.ª

Imprensa da PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 100 — LISBOA

A CARLOS MALHEIRO DIAS

FIGURAS

ANTÓNIO CARVALHAIS	*Luís Pinto*
JOÃO SOARES	*João Rosa*
PASCOAL, rabequista	*António Pinheiro*
CRISÓSTOMO	*Augusto Rosa*
IZIDRO	*João Gil*
HELENA	*Angela Pinto*
MARIA ROSA	*Delfina Cruz*
AMPARO	*Maria Pia*
SR.ª ENCARNAÇÃO	*Carolina Falco*
ANA, contrabandista e adela	*Elvira Costa*
CARMINHO, criança de 8 anos	*Isaura Ferreira*
EMILIA	*Elvira Santos*

LISBOA — ACTUALIDADE

PRIMEIRO ACTO

Um interior modesto de solteirões, no Bairro-Alto. Casa velha da rua da Atalaia: rodapé baixo de azulejos; janela de tabuinhas. Porta para a escada; vê-se o patamar de tijolo e o corrimão. Estante de livros; papeleira; cadeiras de roca. O ar desaconchegado das casas onde não há mulheres. Um sofá. Perto, mesa de trabalho: livros, papéis, candeeiro de petróleo com *abat-jour* verde.

PRIMEIRO ACTO

Quando se levanta o pano, a scena está escura: apenas, na janela, a luz azulada do anoitecer. Através das tabuinhas vê-se a casaria fronteira. Chegam, da rua, uns soluços de fado; uma voz rouca de mulher, chamando; uns repelões de viola. JOÃO SOARES, *sem gravata, vestido de preto, dorme sôbre o sofá, meio coberto com um* plaid. *Passados instantes, ouve-se uma chave na fechadura. A porta abre-se. Entra* ANTONIO CARVALHAIS, *gola levantada, fósforo aceso, trauteando o fado que ouviu na rua.*

ANTÓNIO, *vendo* JOÃO SOARES

Ainda tu estás a dormir, homem!

JOÃO, *sem abrir os olhos*

Hein?

ANTÓNIO

Acorda. Olha que é tarde.

JOÃO

Tu já saíste?

ANTÓNIO

Já saí e já voltei.

JOÃO

Que horas são?

ANTÓNIO, *acendendo o candeeiro*

Sei lá! São muitas.

JOÃO

Sério?

ANTÓNIO

Sério.

JOÃO, *sentando-se*

Oh, diabo! Eu quero ir aos cavalinhos.

ANTÓNIO

Então, levanta-te.

JOÃO, *a quem a luz fere a vista*

Tira lá isso dos olhos.

ANTONIO

Inda agora vieram-te chamar, sabes?

JOÃO

Para quê?

ANTÓNIO

Para ver uma doente.

JOÃO, *levantando-se, de mau modo*

Uma doente...? Hum! Logo vi. É a tal coisa! Havia de ser do Monte-pio.

ANTÓNIO

Era. Um parto, creio eu.

JOÃO, *passeando na casa, furioso*

Aí está! Não faltava mais nada. Tôda a gente a ter filhos! Depois, eu é que o pago. Partos a pataco! É bonito, hein?

ANTÓNIO

Que hás de tu fazer, homem!

JOÃO

Que hei de eu fazer? Não vou.

ANTÓNIO

Não vais?

JOÃO

Não vou. Estou farto de trabalhar.

ANTÓNIO, *num sorriso*

Tu?

JOÃO

Vou-me deixar disto.

ANTÓNIO

De quê?

JOÃO

Da clínica.

ANTÓNIO

Tu passas os dias a dormir!

JOÃO, *indignado*

Eu?

ANTÓNIO

Ele vê-se!

JOÃO, *imperturbável, depois dum silêncio*

Não é a dormir. É a pensar. Entendes? — Dá cá um cigarro. *(acendendo-o, na luz do candeeiro)* Esta mania de ter filhos há de acabar um dia!

ANTÓNIO, *à janela, continuando o diálogo, de costas, sob as tabuinhas*

Desgraçados!

JOÃO

Os desgraçados não devem ter o direito de perpetuar a desgraça. Essa é que é boa! O amor é para os ricos, para os felizes e para os sãos.

ANTÓNIO

E os outros?

JOÃO, *tornando a acender o cigarro, que se apagou*

Os outros sofrem. É o que eu faço. Ao menos, consola-me a certeza de que a minha geração há de acabar em mim. — Era precisamente nisso que eu estava pensando.

ANTÓNIO

Com os olhos fechados?

MARIA ROSA, *fora, numa voz triste*

Boa noite, vizinho.

ANTÓNIO, *na janela, falando para defronte*

Boa noite, vizinha.

JOÃO

Quem é?

ANTÓNIO, *para* JOÃO

A Maria Rosa.

JOÃO

Se ela trouxesse a roupa esta noite, era bem bom. Estou sem camisas.

ANTÓNIO, *para fora*

Então... Melhor?

MARIA ROSA

Muita tosse.

ANTÓNIO

Agora vem a primavera!

MARIA ROSA

Noites muito frias...

ANTÓNIO

Muito.

MARIA ROSA

Quente do ferro... Depois venho à janela...

ANTÓNIO

É preciso cuidado.

MARIA ROSA, *tristemente*

Bom de dizer... Quem trabalha... *(depois dum silêncio)* O senhor doutor está bom?

ANTÓNIO

Dormiu tôda a tarde.

MARIA ROSA

Sim?

ANTÓNIO

É um mandrião.

JOÃO, *resmungando*

Agora desacredita-me, anda!

ANTÓNIO, *passado um momento*

É verdade, ó vizinha...

MARIA ROSA

Que é?

ANTÓNIO

Se a nossa roupa estivesse pronta...

MARIA ROSA

Estou a engomar as camisas.

ANTÓNIO

Tenha paciência.

MARIA ROSA

Eu logo levo tudo.

ANTÓNIO

Então, adeus. Não apanhe frio, que lhe faz mal.

MARIA ROSA, *sempre com a mesma tristeza na voz*

Até logo, vizinho.

ANTÓNIO

Até logo, vizinha.

JOÃO

Fecha a janela.

ANTÓNIO, *cerrando as vidraças*

Coitadita! Aquilo, com o cair da folha...

JOÃO

Duram muito.

ANTÓNIO

Pergunta sempre por ti.

JOÃO, *começando a vestir-se*

Deve ser tarde.

ANTÓNIO

É.

JOÃO

O vizinho da agua-furtada ainda não desceu para o botequim?

ANTÓNIO, *distraído*

Quem?

JOÃO

O Pascoal.

ANTÓNIO

Ainda não lhe ouvi a rabeca.

JOÃO

Tu aonde vais, esta noite?

ANTÓNIO

A parte nenhuma. Fico em casa.

JOÃO

Em casa?

ANTÓNIO

Sim. Á espera da Helena.

JOÃO, *voltando-se, bruscamente*

Da Helena?

ANTÓNIO

Convenci-a a vir aqui. Sempre é melhor que lá em casa dela. Mais prudente. Não achas?

JOÃO, *com mau modo*

Eu não.

ANTÓNIO

Porquê?

JOÃO

Porque a vizinhança vê entrar para cá uma mulher, e isso...

ANTÓNIO

Que tem?

JOÃO

Prejudica-me a clínica.

ANTÓNIO

Ora adeus! Tu tens lá clínica nenhuma! És tolo. E que tivesses! A casa é tua e é minha. É de ambos.

JOÃO, *encolhendo os ombros*

Pois sim... Então mete cá a mulher.

ANTÓNIO

E depois, tu falas com um desprêso...!

JOÃO

É o conhecimento da vida. É o que é.

ANTÓNIO

Tu conheces lá nada da vida! Tu és um sê-

co, um egoísta. Um homem que nunca amou vive d'olhos fechados.

JOÃO

Mas vê melhor.

ANTÓNIO

Parece que embirras com mulheres.

JOÃO

Isso, também, não.

ANTÓNIO

Parece.

JOÃO

Mas não gasto coração com elas. Nem faço figuras tristes, como tu.

ANTÓNIO

Que figuras tristes faço eu? Não me dirás?

JOÃO

Tomas as mulheres a sério. E o teu defeito.

ANTÓNIO

Mas há mulheres, — e mulheres! A Helena merece bem que se gaste coração com ela. É

uma criatura fina, inteligente. Depois, entende-me, gosta de mim.

JOÃO, *sêcamente*

Tens a certeza?

ANTÓNIO

Tôda!

JOÃO

E vem trazer-te o que sobra do outro.

ANTÓNIO

O outro... é o que paga.

JOÃO

O que paga as saias de sêda que tu amarrotas, e as pérolas que tu não podes pagar. Essa mania que vocês teem de que um homem, porque paga, deixa de ser homem, de amar, de usar tão completamente uma mulher como se usa um par de luvas!

ANTÓNIO

A alma é só dum.

JOÃO

Mas o corpo é de dois. E ser de dois, é o mesmo que ser de tôda a gente.

ANTÓNIO, *exaltado*

Isso não!

JOÃO

Para o efeito moral. *(olhando* ANTONIO, *fixamente, como se lhe lesse na alma)* Eu vejo. Eu conheço-te. Tu, lá no fundo, estás convencido do que eu te digo. Só com sacrifício do teu orgulho de homem é que podes suportar uma situação destas. *(nervoso, atirando fora o cigarro, olhando sempre* ANTONIO*)* Eu leio no teu espírito como num livro aberto. Tu já tinhas pensado nisto, antes de mim. Mas não tinhas tido coragem para o dizer a ti próprio. Confessa! Esta situação é uma transigência da tua dignidade. O outro é o que paga, dizes tu? Será. Mas não a toma a sério. Quer ter uma amante como quem tem uma jóia, para a mostrar ao mundo. Pouco se lhe dá que seja verdadeira ou falsa. Tu, não! Tu quizeste essa mulher. Levantaste-a, em pêso, até ao que há de mais alto no teu sentimento, de mais sagrado no teu coração. Não a desejas, não a possues apenas; tens-lhe amor. Sofres, humilhas-te, choras por ela. Por conseguinte, se há nisto um atraiçoado, não é o outro. És tu, tu só. *(depois dum silêncio, em que* ANTÓNIO *sucumbe, a cabeça entre as mãos)* Isto não quer dizer, nota, que tomes a mulher à tua conta.

Era um disparate ainda maior. Tinhas lá dinheiro para sustentar aquele luxo! Podias lá!

ANTÓNIO, *os olhos brilhantes*

Poder, podia!

JOÃO

Se ela fizesse sacrifícios.

ANTÓNIO

Ama-me bastante para os fazer.

JOÃO

Estás doido!

ANTÓNIO

Ainda que lhe fosse preciso ir esfregar casas, passar fome, se eu lhe dissesse: vem; vinha.

JOÃO, *imperturbável*

Já lhe falaste nisso, alguma vez?

ANTÓNIO

Eu não.

JOÃO, *com um sorriso frio*

Então, fala-lhe. Verás o que ela te responde. És uma criança! Ainda hás de ter muita desilusão na vida, digo-to eu. Tu sabes lá o que é, sôbre uma mulher, o prestígio das sêdas e dos

brilhantes! Ter tudo, como a Helena, desde o automóvel até ao camarote em S. Carlos! Sabes lá quanto vale, para uma criatura que nasceu num meio baixo, esta vida de confôrto e de prazer! Não sabes, não fazes idea!

ANTÓNIO, *febrilmente*

Sei, sei! Mas lembra-te bem. . . Sou eu que to digo. Ouves? Se eu quizesse, ela vinha viver aqui. Deixava tudo, as jóias, o automóvel, tudo, para poder ter coração, para viver livre, para ser só minha! Lembra-te disto. Há uma só coisa pela qual esta espécie de mulheres troca todo o dinheiro e todo o bem estar: é a doçura de poder amar honestamente um só homem.

JOÃO, *encolhendo os ombros*

Sabes que mais? Vou aos cavalinhos.

ANTÓNIO, *atirando-se para cima do sofá*

Ainda bem. Porque me deixas só.

JOÃO

Há de ser tarde.

ANTÓNIO

Já disseste isso duas vezes.

JOÃO

Que horas serão?

ANTÓNIO

Sei lá! *(ouve-se, fora, afinar uma rabeca)* Olha... Lá vai o maestro a descer a escada.

JOÃO

Então, devem ser sete horas.

ANTÓNIO

Deixa ver se êle bate à porta.

JOÃO, *depois dum silêncio, quando a rabeca se afasta*

Não. Desceu.

ANTÓNIO

Que diabo! Êle dava sempre um ar da sua graça...

JOÃO, *a* ANTÓNIO, *que se encaminha para o fundo*

Deixa-o lá. Não o chames.

ANTÓNIO, *abrindo a porta, debruçando-se do corrimão, gritando para baixo*

Eh, Pascoal! Eh, maestro...!

PASCOAL, *fora, numa voz dolorosa*

Boa noite.

ANTÓNIO

Então você já se vai chegando ao botequim? Suba, homem!

PASCOAL, *fora*

É muito tarde.

ANTÓNIO

Qual tarde! Suba sempre. Ao menos, emquanto afina a rabeca. Que diabo de homem que você é! *(estendendo a mão a* PASCOAL, *que assoma ao fundo, pálido, os olhos vermelhos de lágrimas, a rabeca na mão, seguido de* CARMINHO, *rapariguinha de sete anos, triste, loira)* Como vai isso?

PASCOAL, *num sorriso constrangido*

Mal.

ANTÓNIO

Olá! Você leva a petiza? *(beijando* CARMINHO, *que chora, com a cabeça escondida no braço)* Tu vais hoje com o pai, Carminho? Estás a chorar?

PASCOAL, *olhando a filha, tristemente*

Para não ficar sòzinha em casa, coitadita.

JOÃO

Sòzinha? Então a mãe?

PASCOAL, *num soluço*

A mãe...

ANTÓNIO

Houve alguma novidade, Pascoal?

PASCOAL

Ela já não tem mãe. *(chorando e acariciando os cabelos loiros da petiza)* Não é verdade, filha? A mãe era má. Tu já não tens mãe.

JOÃO

Então que foi isso, maestro?

PASCOAL, *para os dois, em voz baixa, depois de afastar a pequena*

Tive de a agarrar por um braço, e de a pôr fora da porta. Uma desgraçada, é o que ela é... Uma desgraçada!

ANTÓNIO, *compreendendo*

Quê? Então...?

PASCOAL

Na minha companhia há tantos anos! Não lhe faltava nada... Para que fêz ela aquela

vergonha...? O primeiro valdevinos que lhe apareceu!

JOÃO, *com dignidade*

Fêz muito bem, maestro. Pô-la fora de casa. Dê cá um abraço!

PASCOAL, *abraçando* JOÃO

Que havia eu de fazer?... Mas, ao mesmo tempo, corta-se-me o coração... A desgraça dela, agora! Procura o outro, e o outro dá-lhe um pontapé. Depois, a vergonha, as saudades da filha... Talvez a fome... O que ela vai sofrer, coitada!

ANTÓNIO, *comovido*

Coitada!

JOÃO

Os homens honrados não pensam nessas coisas. Cumprem o seu dever.

PASCOAL

E a falta que ela me faz, senhor doutor! E à pequena... Ficar sem mãe, nesta idade... Mas eu havia de fechar os olhos? *(a* ANTÓNIO) Diga lá, eu havia de fechar os olhos? E todos, àmanhã, a rirem-me na cara... Não pude, não pude!

CARMINHO, *abraçando-se às pernas do pai, a chorar*

Pai! Pai! Eu quero a mãe...

ANTÓNIO, *comovido, agarrando a pequena*

Anda cá, petiza. Não chores... A mãe volta.

CARMINHO, *a chorar, olhando* PASCOAL

O pai não deixa...

ANTÓNIO

Volta, sim. Dá cá um beijo.

PASCOAL

O entendimento que ela tem!

JOÃO, *passeando pela casa, em largas passadas*

Eu, é que não sei ter compaixão pelas mulheres que atraiçoam. Não sei.

ANTÓNIO

Porque nunca amaste, João!

PASCOAL

E agora, cá vou para o botequim. Há de encher-se, esta noite! Há de parar gente à porta. Porque eu hoje vou tocar como nunca toquei. Chorar, em cada arcada do meu violino, sem

êles saberem que eu choro. Vão ouvir, vão ouvir. Há de ser todo o meu ciume, tôda a minha raiva, tôda a minha compaixão, tudo isto que eu sinto cá por dentro e que não sei dizer, porque é a minha rabeca que fala por mim, é ela que geme e que chora quando eu sofro... *(acariciando a rabeca)* Coitada, coitada! *(soluçando, abraçado à filha)* A minha rabeca e a minha filha... Já não tenho mais ninguém no mundo!

JOÃO, *abraçando* PASCOAL

Então, que é isso...? Levante os olhos para as coisas grandes, maestro. Não há mulher nenhuma que valha uma lágrima!

ANTÓNIO

Talvez. Mas ainda é uma consolação poder chorar... Não é verdade, Pascoal?

PASCOAL

Agora, se encontro por aí essa desgraçada... *(limpando os olhos)* Acabou-se. Queiram perdoar a minha fraqueza... Eu não devia ter entrado... — Vamos, filha.

JOÃO, *apertando a mão de* PASCOAL

Cá ficamos a ouvi-lo, maestro.

VOZES, *dum bando que passa na rua, a cantar, primeiro longe, depois mais perto*

Ai viva a pândega,
Ai viva lá,
Como esta pândega
Não há, não há!

ANTÓNIO, *de quem* PASCOAL *se despede*

Eu desço também.

JOÃO, *a* ANTÓNIO

Onde vais?

ANTÓNIO

Buscar umas garrafas de Champagne. Para logo. Não saias sem eu voltar.

JOÃO

Não. Não saio.

PASCOAL, *ouvindo a cantiga, já na escada*

Aqueles vão alegres!

ANTÓNIO, *a* JOÃO, *acendendo o cigarro*

Ela só vem às oito. Mas se baterem duas campainhadas... Já sabes, hein? Como se eu

estivesse. *(para fora)* Aí vou, Pascoal... Aí vou! *(sai, a cantarolar)*

Ai viva a pândega,
Ai viva lá.....

JOÃO *fica assentado no sofá, olhos fixos, braços caídos, com o ar de quem não pensa em coisa nenhuma. Depois levanta-se, trauteia a cantiga da rua, passeia pela casa, despe um casaco, veste outro, dá pela falta dum botão e tem um arremêsso. Momentos depois, batem à porta.*

JOÃO, *mal humorado*

Quem é?

MARIA ROSA, *fora*

A engomadeira. Uma sua criada.

JOÃO, *abrindo*

Ah! É a menina Maria Rosa?

MARIA ROSA, *muito pálida, com um vestido preto simples e uma trouxa na mão, envolvida numa toalha branca*

Boa noite, senhor doutor. Venho trazer a roupa.

JOÃO

Faz favor de entrar.

MARIA ROSA, *pousando a trouxa*

São três camisas, três colarinhos e dois pares de punhos...

JOÃO, *pondo o dinheiro em cima da mesa*

Aqui está.

MARIA ROSA

Muito agradecida.

JOÃO, *lembrando-se e agarrando no casaco*

A menina é que me podia fazer um favor.

MARIA ROSA

O que o senhor doutor precisar.

JOÃO, *com acanhamento*

Caiu-me um botão do casaco...

MARIA ROSA

Prega-se.

JOÃO

Eu hei de ter aqui uma agulha... *(procurando num escaninho da papeleira)* Cá está. — Tenha paciência.

MARIA ROSA

Ora essa, senhor doutor!

JOÃO

Não se assenta...?

MARIA ROSA

Estou bem de pé.

JOÃO

Assente-se.

MARIA ROSA, *sen ando-se, junto à mesa, e cozendo, à luz do candeeiro*

Então, com licença.

JOÃO, *depois dum silêncio*

Menos tosse, hein...?

MARIA ROSA

Graças a Deus... Mas uma fraqueza muito grande no peito. E então, quando saio...!

JOÃO, *sem saber o que há de dizer*

Hoje, saiu...?

MARIA ROSA

Lá acima... Ao Senhor dos Passos. Todas as sextas-feiras... Tenho muita devoção. O senhor doutor nunca lá foi?

JOÃO

Eu...? Não.

MARIA ROSA

Não?

JOÃO

Nunca. Não sei rezar.

MARIA ROSA, *com um sorriso de dúvida*

Não sabe?

JOÃO

Não...

MARIA ROSA

Nem o padre-nosso?

JOÃO

Só sei dizer: "Padre-nosso...„

MARIA ROSA, *continuando*

"Que estais nos céus, santificado seja o vosso nome...„ *(rindo)* Sabe, sabe! Está a brincar comigo.

JOÃO, *com ingenuidade, olhando* MARIA ROSA

Agora é que eu vejo... Tem os olhos verdes.

MARIA ROSA

Não, senhor doutor. É da luz. São azuis.

JOÃO

Ah!

MARIA ROSA

O senhor doutor, agora, não tem chegado à janela...

JOÃO, *admirado*

Não costumo chegar à janela. Por que diz isso?

MARIA ROSA, *corando*

Por coisa nenhuma.

JOÃO

Por alguma coisa é.

MARIA ROSA

Não o tenho visto...

JOÃO

Gostava de me ver?

MARIA ROSA

Gosto sempre de ver quem não é mau para mim. E o senhor doutor, para mim, não é mau.

JOÃO

Já ouviu dizer que eu era mau para os outros?

MARIA ROSA, *depois dum momento, enleada*

Já, sim, senhor doutor.

JOÃO

Sério?

MARIA ROSA

Que tratava mal as pessoas... E que não gostava de ninguém, senão do seu amigo.

JOÃO

Do António...? Sou muito amigo dêle, sou.

MARIA ROSA

Pois foi o que me disseram.

JOÃO

Mas não sou mau. Sou doente.

MARIA ROSA

Também do peito?

JOÃO

Não. Do reumático.

MARIA ROSA

Ah!

JOÃO

Tristeza. Acostumei-me a viver só. Já não sei rir, como os outros.

MARIA ROSA, *depois dum silêncio, comovida*

O senhor doutor inda há de ser muito feliz.

JOÃO, *num olhar doloroso*

Eu...?

MARIA ROSA

Ainda hoje pedi a Nosso Senhor que o fizesse muito feliz... Olhe que pedi do coração.

JOÃO

Pede por tôda a gente?

MARIA ROSA, *sentida*

Eu não conheço tôda a gente. *(baixando os olhos)* Pedi pelo senhor doutor.

JOÃO

Só por mim? Então porquê?

MARIA ROSA

Ora...!

JOÃO

Não tenha vergonha. Diga...

MARIA ROSA, *erguendo-se e pondo o casaco nas costas da cadeira*

Nada... Não é nada, senhor doutor.

JOÃO

Porque não diz...?

MARIA ROSA, *perturbada, sem se atrever a olhá-lo*

Uma acção do senhor doutor, de que eu nunca me esqueci.

JOÃO

Não me lembro... Diga...

MARIA ROSA

Não se lembra? — Há de haver três meses... Eu tinha ido levar a roupa aqui ao numero 48, ao senhor Guimarães, e a senhora obrigou-me a pagar uma camisa de sêda que eu não tinha perdido. Era uma semana de trabalho... Paguei. Mas saí para a rua a chorar. Então, o senhor doutor passava, chegou-se ao pé de mim, disse-me que não chorasse, e trouxe-me pelo braço até à porta de casa... Lembra-se? Depois, à porta, contei-lhe o que era, e o senhor doutor quis dar-me o dinheiro da camisa...

JOÃO

Como se lembra!

MARIA ROSA

Estas coisas não esquecem nunca a uma mulher.

JOÃO, *espantado*

É então só por isso, que... que me está agradecida?

MARIA ROSA

Pois acha pouco?

ANTÓNIO, *entrando, com três garrafas de Champagne debaixo do braço*

Pronto. Cá está o Champagne. *(dando com* MARIA ROSA*)* Olá! A menina Maria Rosa!

MARIA ROSA, *corando*

Vim trazer a roupa...

JOÃO

Trazer a roupa, é verdade. Tinha entrado agora mesmo.

MARIA ROSA, *traçando o chale, como quem se desculpa*

Mas já me vou embora...

ANTÓNIO

Quê...? Por eu chegar?

MARIA ROSA

Não, mas... Já não são horas para...

ANTÓNIO

Nada! Agora a menina Maria Rosa não se vai embora sem beber um copo de Champagne, com a gente. Abre-se uma garrafa...

MARIA ROSA, *emquanto* ANTÓNIO *vai buscar os copos*

Não, isso não... Não bebo coisa nenhuma. Muito agradecida.

JOÃO

É uma desfeita, vizinha. Deve aceitar.

ANTÓNIO, *trazendo três taças*

Para bebermos à sua saúde!

MARIA ROSA

Eu nunca bebi êstes vinhos... Muito agradecida. Não gosto.

ANTÓNIO, *abrindo a garrafa*

Gosta. Verá... — Agora vai saltar a rôlha...

JOÃO

Não se assuste.

ANTÓNIO

Então nós não havíamos de beber à saúde da Maria Rosa?

MARIA ROSA, *assustando-se, ao saltar a rôlha*

Ah!

ANTÓNIO

Os copos! Depressa!

MARIA ROSA, *vendo correr o Champagne*

Eu já tinha visto. É uma coisa que as pessoas ricas bebem quando se casam, não é?

ANTÓNIO, *rindo*

Isso mesmo!

JOÃO

Tal qual!

MARIA ROSA, *envergonhada, vendo rir*

Vê...? Estão a fazer troça de mim.

ANTÓNIO, *bebendo*

Á saúde da Maria Rosa! Da nossa engomadeira! Para que Deus lhe dê mais saúde, e seja muito feliz, e case depressa com algum rapaz que goste muito dela...

JOÃO, *bebendo também*

Á saúde da menina Maria Rosa.

ANTÓNIO, *vendo lágrimas nos olhos de* MARIA ROSA

Que é isso...? Está a chorar?

JOÃO

Não gosta de Champagne?

MARIA ROSA, *muito comovida, querendo rir*

Eu não estou a chorar...

ANTÓNIO

Isso está... Então eu não vejo?

MARIA ROSA, *limpando os olhos*

Não é nada... Não é nada...

ANTÓNIO

Então...! Que tolice!

JOÃO, *a* ANTÓNIO

Impressionou-se com o teu brinde. Tu tens a mania dos discursos!

ANTÓNIO, *a* MARIA ROSA

Quer-se ir embora? Veja lá... Nós não queremos prendê-la.

JOÃO

É melhor. Vá...

MARIA ROSA

Então, se o senhor doutor dá licença... Muito agradecida. Choro por tudo... Eu tenho raiva de ser assim...

ANTÓNIO

Vá... Isso é nervoso. Até àmanhã. *(dirigem-se para a porta)* Já leva o dinheiro da roupa?

JOÃO

Já.

MARIA ROSA, *ainda com as lágrimas nos olhos*

Muito agradecida... Até àmanhã.

JOÃO

Adeus, menina Maria Rosa.

CRISÓSTOMO, *entrando quando* MARIA ROSA *sai*

Olá! — Ora ainda bem que os encontro! Então como estão vocês, rapazes...? Como estão vocês?

ANTÓNIO, *contrariado*

Viva, Crisóstomo!

JOÃO

Como vai isso?

CRISÓSTOMO

Desiludido, filhos. Desiludido. E já sem ambições.

JOÃO

Devéras, Crisóstomo?

CRISÓSTOMO, *com um riso amarelo*

Sem ambições e sem botas. Falhei na vida. Que querem vocês? Há triunfadores, há gloriosos. Eu falhei.

ANTÓNIO, *depois dum silêncio*

Pois isto agora, Crisóstomo, a respeito de dinheiro... vai mal.

CRISÓSTOMO, *com um grande ar de superioridade*

Pouco importa. Não há dinheiro...? Melhor. Dantes, eram as ambições a passearem-me, como agulhas de oiro, pela espinha. Agora, falhei. Para que esconder? Falhei. Mas o peor são as botas.

JOÃO, *que o observa, fixamente*

E a bebida... Como êsses dedos tremem, Crisóstomo!

CRISÓSTOMO, *protestando*

Não, não, filhos... Não é do alcool. Foram tempos, — bons tempos! Quando eu era um canalha elegante e tinha a pouca vergonha de jantar todos os dias, bebia os Castillon, os Bas-Medoc, os Sainte-Foix, venenos caros, luminosos... Agora, que alcool bebo eu? Um copinho de aguardente quando me levanto, outro quando me deito, uns copitos pelo dia adiante... Que alcool bebo eu! Sou um estômago sem ambições. Já não espero nada. Tenho de liquidar pomposamente. Sabem vocês? Vou meter-me na política.

JOÃO

Na política...?

CRISÓSTOMO

É verdade.

ANTÓNIO

E as tuas grandes obras...?

CRISÓSTOMO

Quais?

JOÃO

As que tu nunca escreveste.

CRISÓSTOMO

Escrevem-nas vocês.

ANTÓNIO

Obrigado.

CRISÓSTOMO

E digo eu depois mal delas. É mais interessante.

JOÃO

É o que se costuma fazer às obras dos amigos.

ANTÓNIO

Foi por isso que tu falhaste.

CRISÓSTOMO

Falhei. Nem eu sei porquê. Não foi por falta de talento. Mas falhei. Em tudo. A minha mãe era linda. Nasci feio. Tenho o ar de andar a pedir a tôda a gente perdão de ter esta cara. O meu pai era forte. Nasci fraco. A minha família era rica. Fiquei pobre. Não há que ver. Falhei. *(com um sorriso doloroso)* Mas o peor são as botas.

ANTÓNIO

Com que então, na politica, hein?

CRISÓSTOMO

É o caminho dos falhados.

JOÃO

E em que te podemos nós ser úteis?

CRISÓSTOMO

Nalguma coisa. Como é natural que os políticos olhem para mim, a ver se tenho o número de pés necessário para fazer carreira, preciso de ir mais afinado de palhetas. Se vocês aí teem algumas que não sirvam, é favor. Eu pago quando fôr ministro de Estado.

JOÃO, *gravemente*

Está dito. Há lá dentro umas botas.

Ouvem-se duas campainhadas, em baixo, à porta da rua; ANTÓNIO *corre à janela*

CRISÓSTOMO

Parou um automóvel. Será já para mim?

ANTÓNIO, *a* JOÃO

É ela.

JOÃO, *procurando*

O meu chapéu?

ANTÓNIO

Tenho de receber uma senhora, Crisóstomo. Isto não é despedir-te, mas...

CRISÓSTOMO

Compreendo. Uma senhora como eu, — falhada!

JOÃO, *de chapéu na cabeça, levando* CRISÓSTOMO *pelo corredor*

Quando ela entrar, saímos pela porta da cozinha. Vamos às botas!

CRISÓSTOMO, *voltando-se ainda para trás, emquanto* ANTÓNIO *agarra no candeeiro*

Também já tive disso... António Carvalhais, *bonne chance!*

ANTÓNIO, *alumiando, no patamar da escada, e falando para baixo*

Estou só. Não subas depressa. Olha que te cansas... *(Ainda no patamar, cingindo* HELENA *que assoma, em cabelo, cheia de jóias, um molho de «aigrettes» azúis na cabeça, envolvida numa opulenta capa de saída de teatro)* Minha Helena!

HELENA, *caindo-lhe nos braços, ofegante*

Então, vim ou não vim...? Sempre os mesmos receios, as mesmas desconfianças! Meu tonto, meu amor!

ANTÓNIO, *pondo o candeeiro sôbre a mesa e arrastando* HELENA, *num beijo, para o sofá*

Pois não estamos melhor aqui...? Dize, não estamos? Sem ninguém nos importunar... Àmanhã deve estar mais alegre tudo isto, esta casa, êstes móveis, porque já sentiram o teu perfume, já te viram, já sabem quem tu és... Mas tão pouco tempo...!

HELENA

Ainda não são oito horas. Vim mais cedo. Estava doida por te beijar, por te apertar, por te fazer mal... Por te dizer estas criancices todas, que são a minha vida — ouves? — que são a minha vida...

ANTÓNIO, *numa paixão*

Helena!

HELENA, *depois dum beijo longo, libertando-se*

Tem juízo... Deixa-me tirar a capa.

ANTÓNIO, *encantado, olhando-a*

Vens muito bonita, sabes...? Não há outros

braços como os teus, outro sorriso como o teu... Deixa vêr. Sabes quem tu me lembras, quando te ris?

HELENA, *rindo*

A Gioconda?

ANTÓNIO

A mulher que ri, do Columbano.

HELENA

Não conheço. Parece-se comigo?

ANTÓNIO

Muito. *(reparando melhor)* Mas tu vens em cabelo?

HELENA, *deixando caír a capa*

Vês? Tive de me vestir como se fosse para S. Carlos.

ANTÓNIO

Porquê?

HELENA

Por causa dêle. Esteve lá emquanto eu me vestia.

ANTÓNIO, *enrugando a testa*

Emquanto te vestias?

HELENA

É o costume. Não imaginas como me aborrece! E depois, não me deixa um instante quieta. Para vir cá, tive de o enganar, de lhe dizer que ia ao teatro. Fica o camarote às môscas.

ANTÓNIO, *sêcamente*

Não perdes muito. É a *Iris*.

HELENA

E que perdesse, meu tonto! Ficaste triste por eu te dizer que êle tinha lá estado?

ANTÓNIO, *contrafeito*

Não.

HELENA, *envolvendo-o*

Ficaste, sim. Nem me dás um beijo...

ANTÓNIO

A que horas mandaste vir o automóvel?

HELENA

Ás onze. Temos três horas.

ANTÓNIO

Só três horas!

HELENA, *numa carícia*

E àmanhã outras três... E sempre que eu puder e que tu me quizeres... Sempre! *(olhando-o muito)* Sabes porque eu não queria vir cá?

ANTÓNIO

Porquê?

HELENA

Por causa do teu amigo.

ANTÓNIO

Do João?

HELENA

Sim. Não sei porquê, não simpatiso com êle.

ANTÓNIO

É uma grande alma.

HELENA

Será...

ANTÓNIO

Fêz por mim o que um irmão não faria.

HELENA

Êle?

ANTÓNIO

Quando vim para Lisboa.

HELENA, *com estranheza*

Sim?

ANTÓNIO

Vim contra vontade de meu pai...

HELENA

Teu pai ainda vive?

ANTÓNIO

Ainda. — Um dia fugi de casa. Nós somos do Alentejo... Lisboa deslumbrava-me. Julguei que venceria, a golpes de talento, logo que chegasse aqui. O eterno Balzac, que anda na cabeça de nós todos quando temos dezoito anos. Afinal, cheguei, — e nem tu calculas quanto me custou o primeiro contacto das realidades. Caí de tôda a altura do meu sonho. Ter de lutar pelo pão de cada dia... E mesmo êsse! — Dormir pelos bancos da Avenida, como um vadio...

HELENA

Tu?

ANTÓNIO

Até que conheci o João. Conversámos uma noite inteira. Contámos a nossa vida um ao outro. Chorámos abraçados. Êle era médico, tinha um Monte-pio, uma Associação... Passámos a viver juntos. Numa palavra, — matou-me a fome.

HELENA, *muito interessada*

A fome...? Tu tiveste fome?

ANTÓNIO

Se tive!

HELENA, *quási com alegria*

Também eu. Quando morreu minha mãe. Há muito tempo... Muito...

ANTÓNIO

Sente-se um certo encanto em recordar. Quem lutou, quem venceu... Não é verdade, Helena?

HELENA

Quando se vence como tu, que conheceste a glória. Mas eu venci para cair mais baixo.

ANTÓNIO

É ao João que eu devo tudo. Calcula se serei, ou não, amigo dêle. Todos se queixam de que êle é uma criatura agressiva, biliosa. Mas não. Só tem o defeito de ter nascido desgraçado. Azedou. Também soube o que era a fome. Mas, êsse, soube-o durante anos, durante todo o curso de medicina...

HELENA

Fazia dêle outra idea. E depois... *(ligeira*

pausa) Vou ser franca contigo. O João metia-me mêdo... E sabes porquê? Porque sempre me pareceu que tinha um grande poder sôbre ti, que faria de ti o que quizesse.

ANTÓNIO, *vagamente apreensivo*

Porque dizes isso?

HELENA

Pareceu-me. Não sei. Aqueles olhos vão até ao fundo das criaturas...

ANTÓNIO

Então julgas-me tão fraco...? Não. Pelo contrário. Êle, às vezes, é que é uma criança nas minhas mãos.

HELENA

Estás a iludir-te a ti próprio. Na amisade é como no amor: há sempre um que é o dominado. E neste caso... *(depois duma hesitação)* não é preciso ser muito perspicaz para perceber que o dominado és tu. Êle já te disse mal de mim?

ANTÓNIO

Mal, não. Nem eu o consentiria.

HELENA, *com amargura*

Ia jurar!

ANTÓNIO

És injusta. Não me disse uma única palavra, asseguro-te. Tem apenas a preocupação de que as minhas amantes me afastam dêle. Ciume, talvez...

HELENA

De ti?

ANTÓNIO

Delas. — É como todos os doentes. Difícil de compreender.

HELENA

E daí, pode ser que eu me engane, bem vês. A gente tem às vezes antipatias instintivas, que não sabe explicar a si mesmo... *(beijando-o)* Mas tu não te zangas, não é verdade? Sabes que não quero maguar o teu amigo. Quero apenas defender-me...

ANTÓNIO, *desrolhando uma das garrafas de Champagne*

Hás de conhecê-lo melhor. Verás que é uma grande alma!

HELENA, *olhando a garrafa, com um sorriso triste*

Champagne...?

ANTÓNIO

Não gostas?

HELENA

Gosto, mas... Preferia beber outra coisa, ao pé de ti.

ANTÓNIO, *atalhando, brusco*

Ah! Sim. Compreendo.

HELENA

E, depois, o Champagne faz-te mal. *(voltando-se para a luz)* Vês êste colar de pérolas? Deu-mo êle hoje. Diz que mo há de trocar por outro ainda melhor... Se eu tiver juízo.

ANTÓNIO

E tu estás decidida a ter juízo, não é verdade?

HELENA, *beijando-o*

Menos contigo...

ANTÓNIO

E mesmo comigo. Era até melhor para ti.

HELENA

Melhor para mim? Porque dizes isso?

ANTÓNIO

Não prejudicava o teu futuro.

HELENA

Não digas tolices! É para me apoquentar, não é? Para me fazer sofrer... *(envolvendo-o, numa grande carícia)* Então tu não sabes que te amo, que te quero como à salvação da minha alma? Tu não acreditas ainda...? És mal agradecido, sabes?

Começa a ouvir-se, fora, a rabeca e o piano do botequim. Música nervosa e dolorosa, que acompanha o acto até ao final.

ANTÓNIO

Pensas tanto em mim, que te pedi que te penteasses de bandós e não te penteaste.

HELENA

Pois eu não te disse que me tinha vestido diante dêle? Êle não gosta que eu use bandós. Que havia de fazer? Bem vês... É por causa dêle...

ANTÓNIO, *levantando-se, numa exaltação*

Êle, sempre êle! Não tens falado senão nêle! É êle para tudo, a propósito de S. Carlos, a propósito do Champagne, a propósito das pé-

rolas! A minha vida está cheia dêle! Sou um criado dêle!

HELENA

Começas tu! É sempre isto. Podíamos ser felizes, e assim, com êsse teu feitio, não somos. Não compreendes nada, não avalias nada! Não percebes que eu faço sacrifícios...

ANTÓNIO

Sacrifícios! Tu és lá capaz de fazer um sacrifício por mim!

HELENA, *numa voz maguada e cheia de convicção*

Não! Então eu não gosto de ti, hein? É o interêsse, naturalmente, que me tem presa a ti? É o futuro? Qualquer consideração egoísta? Não é o amor que te tenho, não é só esta loucura que eu tenho por ti e que não sei até onde me há de levar...? Tu és uma criança, tu não percebes nada! Tu sabes lá com quanta fôrça se dá um coração de mulher, e como êsse coração gosta de que o compreendam! Tu és uma criança! As mulheres como eu, quando se dão todas, quando amam devéras, com tôda a desgraça dum amor verdadeiro, só pedem em troca uma coisa... É o reconhecimento, é a gratidão. E é justamente o que tu me não dás... É justamente o que tu não tens!

ANTÓNIO, *que bebe taças sôbre taças de Champagne*

Dou-te o que nunca dei a mulher nenhuma. Dou-te o que nunca dei a ninguém... Um amor que me absorve todo, um amor de que eu fiz uma coisa sagrada e honesta, um amor que te prende tão intimamente à minha vida, que te coloca tão alto no meu sentimento, que eu tenho mêdo de ti e de mim. Tu não sabes as torturas que me custas! *(com a cabeça entre as mãos, num soluço)* Não sabes o que eu sofro!

HELENA, *envolvendo-o todo, apaixonadamente*

Tu sofres? Então eu gosto de ti para te fazer sofrer? Mas que mal te faço eu? Dize... Que mal te faço eu? Então porque te quero, numa paixão, porque me dou tôda, porque te cubro de beijos, porque os meus braços te apertam muito, como agora, tu sofres?

ANTÓNIO

Sofro!

HELENA, *erguendo-lhe a cabeça e cobrindo-lha de beijos*

Mas porquê, meu amor? Porquê? Nós, as amantes, também somos um pouco mães. Eu não quero que tu sofras... Eu quero que tu sejas feliz comigo!

ANTÓNIO, *com os olhos brilhantes*

Se o teu amor fosse tão grande, que fosse capaz de todos os sacrifícios!

HELENA

Ah! Mas pede-me o que quizeres... Porque eu amo-te... Eu quero ver-te rir... Muito contente, para a tua Helena! Sou capaz de todos os sacrifícios, sim. Por ti, sou!

ANTÓNIO, *numa exaltação, bebendo mais*

És...? Então se eu te pedisse para deixar tudo, para resignar tudo, para unir o teu destino ao meu, para ser só minha... Só minha! Como isto é doce de dizer! E como tudo parece luminoso e tranquilo, só com estas duas palavras... Só minha! Um só coração, uma só vontade, uma só alma... Nunca mais te deixava, envelhecíamos juntos... Só minha! Só minha!

HELENA, *levantando-se, numa voz dolorosa*

Meu pobre António!

ANTÓNIO

Pois tu não eras capaz dêsse sacrifício?

HELENA

Ai, meu pobre Antonio! Não pode ser... Não pode ser!

ANTÓNIO, *erguendo-se, violento*

Vês...? Era o que eu te dizia. Vocês não resistem à menor prova. São umas interesseiras. São todas o mesmo! Quando há amor não se reflecte, e vocês reflectem. Rasga-se o coração quando é preciso, mas vai-se para diante. Se é preciso passar fome, passa-se fome, mas continua-se a amar. Vocês, não... Nasceram já para isto. São incapazes duma dedicação verdadeira, dum sentimento grande...

HELENA, *dolorosamente*

António!

ANTÓNIO

São dignas da vida que teem e das lágrimas que choram. E ainda eu esperava sacrifícios! Tu és como todas. Vieste da lama, como todas. Tens o prazer de te vender!

HELENA, *agarrando uma garrafa para lhe atirar*

António! António! *(deixando cair a garrafa, e murmurando, apaixonadamente)* Não! Não! Dize o que quizeres. Se fosses outro, não ti-

nhas chegado a dizer metade do que disseste... Mas eu amo-te! Eu não me importo de te ouvir... Chama-me o que quizeres, faze-me lembrar tudo o que eu sou, insulta-me, magoa-me... Porque eu amo-te... Eu amo-te!

ANTÓNIO, *num abatimento, soluçando*

Helena! Perdoa...!

HELENA

Mas repara... Como queres tu que eu deixe êsse homem? Que fortuna tens tu? Podes lá sustentar êste luxo em que eu vivo, e que tu adoras, como artista que és? Seria uma desgraça... Pensa um instante. Se àmanhã me visses com umas meias rôtas e uma saínha preta, já não era a mesma mulher para ti. Aborrecia-te, tornava-me pesada... Era um inferno. O amor é assim, vocês são assim. Eu conheço os homens. Sei como êles pensam, como êles nos querem, como êles nos olham. Acabavas por me deixar... Ou eu, por te deixar a ti.

ANTÓNIO, *interrompendo, numa exaltação*

Não, não, Helena! Eu havia de ter dinheiro... Eu tenho o direito de viver! Se a literatura não bastasse, metia-me no jornalismo,

na política, nos negócios... Trabalhava! Vencia! Furava! Roubava!

HELENA, *tapando-lhe a bôca*

António!

ANTÓNIO, *numa excitação crescente*

Para te poder ter, só minha, sem pensar no outro, tôda minha... E os meus triunfos, atirava-tos aos pés. E tu eras gloriosa, como eu. A vida fêz-se para a luta, e eu, que já sou um vitorioso, seria um milionário! Tu davas-me fôrça, beijavas-me quando eu trabalhasse, envolvias-me nos teus braços... Assim, como agora... Tudo quanto eu pensasse, quanto eu escrevesse, vinha cheio do teu sorriso, impregnado do teu perfume. Eras a minha alma, a minha virtude, a minha coragem...!

HELENA, *amargamente*

Como as tuas ilusões, quando vieste para Lisboa... Não é verdade?

ANTÓNIO, *numa súplica*

Helena!

HELENA, *depois dum silêncio, imóvel, pálida, os dentes cerrados*

Tinha de ser. Deixá-lo! *(a* ANTÓNIO*)* Logo, quando o automóvel vier, manda-o embora.

ANTÓNIO

Helena! Helena! Tu ficas...? Ficas comigo?

HELENA, *serena e triste*

Para nunca mais te deixar. Emquanto tu me quiseres...

ANTÓNIO, *cambaleando, tonto de Champagne*

Helena! *(tapando os ouvidos)* Aquele violino... Faz-me mal!

HELENA, *da serenidade à paixão*

É a ambiciosa, vês? É a criatura que aprendeu no berço a sem-vergonha, mas que tu amas como um doido! É a mulher que se vendeu, que tu julgaste incapaz dum sentimento grande, mas que deixa tudo por ti. Aqui me tens. Fico contigo. Mas repara... Fico eu só. Nada que me faça lembrar o outro, nada que o outro pagasse com o seu dinheiro. Nada! Nada! *(atirando a capa)* Nem êste vestido... *(arrancando os anéis dos dedos e o colar do pescoço)* Nem estas jóias... Irá tudo àmanhã. Vês como eu sou ambiciosa? Como eu sou incapaz dum sacrifício... Como eu me vendo, António...? *(estreitando-o nos braços)*

Agora fico tua, só tua, tua para sempre. É uma ressurreição ou uma desgraça! Tu nunca mais me deixas, não é verdade...? Matavas-me, António! Dá-me a tua bôca... Dá-me os teus braços... Eu sou a tua amante, eu sou a tua vida, eu sou a tua alma...

ANTÓNIO, *que esvaziou a última taça de Champagne e ouve com horror a música do botequim*

Aquele violino...

HELENA, *vendo-o desfalecer sôbre o sofá, e agitando as garrafas vazias*

Ai! Como tu bebeste, meu pobre doido! Como tu bebeste!

ANTÓNIO, *estendido de costas, o olhar vago, o braço pendente, a gravata desmanchada*

É o violino do Pascoal... A outra enganou-o... *(querendo enlaçar a amante, e resvalando de novo sôbre o sofá)* Não te vás embora, Helena... Não vás... Não...

HELENA, *cobrindo-o com o plaid*

Vês...? Fêz-te mal, tanto Champagne! Eu nem reparei... Dorme, meu amor. Queres dormir? Eu fico ao pé de ti... *(apagando a*

luz) Dorme... Sossega... *(ajoelhando no chão, junto à cabeça pálida de* ANTÓNIO, *e beijando-o com ternura, emquanto a rabeca, lá fora, geme dilacerantemente)* Agora amo-te mais... Muito mais ainda... Porque tenho a certeza de que vou ser desgraçada contigo!

Pano, lento.

SEGUNDO ACTO

O mesmo interior, tornado agora mais confortável. Sente-se já, na disposição dos móveis, na ordem de tudo, a mão da mulher. O sol entra pelas frinchas das tabuinhas corridas, numa tonalidade quente. Sôbre a mesa, um ramo de violetas frescas, num copo, e umas luvas brancas, de canhão, esquecidas. Duas horas da tarde.

SEGUNDO ACTO

AMPARO, *entrando, estouvada, para* EMÍLIA

Diga-lhe que é a Amparo, sim?

EMÍLIA, *saindo, pela direita baixa*

Sim, minha senhora.

HELENA, *assomando pela direita, muito alegre, em roupão*

Pois és tu, minha querida Amparo?

AMPARO, *beijando-a*

Oh! Mas que loucura! Que loucura! Eu devia bater-te, bater-te muito... Não tens juízo... És uma doida!

HELENA

Então que queres... Nós somos assim!

AMPARO, *rindo muito*

Ora já viram! Uma lua-de-mel! E eu que estava longe...! Então conta-me cá...

HELENA, *obrigando-a a assentar-se*

Vens cansada. Senta-te.

AMPARO, *numa grande volubilidade*

Mas que escada tão escura... Vim aos apalpões! *(tomando-lhe as mãos)* Estás bonita, sabes? Ora que idea! Um amor sério, então? Isto, em três meses, houve escândalos medonhos. A Júlia... A Consuelo... Tu...! — Eu cheguei de Paris. Logo que soube, vim ver-te. *(voltando a cara)* Vês êstes brincos? São bonitos, não são?

HELENA

Chegaste ontem?

AMPARO

Há uma semana. — Que encanto, Paris! Vim doida, doida! — Fui com êle.

HELENA

Ainda é o mesmo?

AMPARO

O inglês. *(rindo muito)* Mas há outro.

HELENA

Outro?

AMPARO

Um rapaz deputado.

HELENA

Foi êsse que te deu os brincos?

AMPARO

Não. Êsse não me dá nada. Êsse gosta de mim. — Foi o inglês. *(levantando-se, num estouvamento)* Ah! mas como eu me diverti! Paris... ! *(mostrando-se a* HELENA, *que a olha com tristeza)* O vestido é bonito, não é? *(tornando a sentar-se)* Mas tu... Tu é que me interessas. Conta-me cá. Como foi isso? Então deixaste o Visconde? Um homem que te dava tudo, que te trazia na alta... É o que se chama não saber viver!

HELENA

Então, que queres! Se eu gostava dêste...

AMPARO, *vendo as flores*

Tens umas lindas violetas! — Mas vamos a saber... És feliz?

HELENA

Muito.

AMPARO

Sério? — E dinheiro?

HELENA, *encolhendo os ombros*

Sacrifícios... Acabou-se. Emquanto êle gostar de mim, um beijo paga-me de tudo.

AMPARO, *acariciando-a*

Minha pobre Helena! Tu bem sabes, eu agora sou rica. Se precisares de alguma coisa... Dinheiro, ou...

HELENA

Não, obrigada.

AMPARO

Ao menos, êle é teu amigo?

HELENA, *com brilho nos olhos*

Adora-me.

AMPARO

Eu conheço-o. É um bonito rapaz.

HELENA

Conheces?

AMPARO

De vista. Dizem que tem talento.

HELENA

Tem tantos inimigos...! — Muito interessante, não é?

AMPARO

Também, se não fosse, não tinhas desculpa. Deixar um homem que te dava tudo... E muito menos tolo do que o meu inglês...

HELENA, *com desprendimento*

Acabou-se.

AMPARO, *rindo*

Tu também gostaste dêle...

HELENA

De quem?

AMPARO

Do Visconde.

HELENA

Ao princípio. Depois, não.

AMPARO

É o costume. Quando êles começam a dar-nos dinheiro...

HELENA

Talvez.

AMPARO

Nós somos assim! Em todo o caso, gostaste dêle...

HELENA

Gostei. Mas era diferente. Era outra coisa.

AMPARO

No fundo, é sempre o mesmo, filha.

HELENA

Tem lá comparação! Dantes, quando ia na rua pelo braço do outro, o que eu gostava que as mulheres olhassem para êle, que o achassem interessante! Agora, se alguma mulher olha para o António, fico furiosa, faço-lhe uma scena, choro... Sabes lá! Ninguém me atura.

AMPARO

Olha que nós sempre somos muito tolas!

HELENA

Então, que queres tu...

AMPARO

E há já quanto tempo vives com êle?

HELENA

Três meses. Fêz ontem.

AMPARO

Três meses?

HELENA

É verdade.

AMPARO

Como o tempo passa! — Sempre nesta casa?

HELENA

Sempre.

AMPARO

Os dois?

HELENA

E o João.

AMPARO, *sem compreender*

O João...?

HELENA

João Soares. Um rapaz médico, amigo do António.

AMPARO, *interessada*

Ah! Mas isso é curioso. Um *ménage* de três! *(rindo)* Sem maldade, é claro...

HELENA

Um rapaz que anda muito com êle. Pálido, vestido de preto. Deves conhecer.

AMPARO, *recordando-se*

Ah! Sim, bem sei. Nervoso, antipático... Pois tu vives bem com êsse tipo, filha?

HELENA

Muito amigo do António. Companheiros de casa.

AMPARO

Não era eu!

HELENA

Como irmãos.

AMPARO

Homens em casa, só um. E é porque não pode deixar de ser. — Olha lá. Êle nunca te fêz a côrte?

HELENA, *rindo*

Que idea!

AMPARO

Os amigos são os peores. São êles que fazem os sarilhos todos, acredita. O meu inglês tem quatro amigos, que vão lá a casa jogar o *pocker*. Andam todos quatro atrás de mim.

HELENA

O João é um doente, um neurasténico. Dorme todo o dia.

AMPARO

Está em casa?

HELENA

Hoje, por acaso, saiu. O António é que está a trabalhar.

AMPARO, *maliciosa*

Não mo apresentas? *(notando a hesitação de* HELENA) Vá lá, vá lá... Eu respeito essas coisas. Sovina! *(olhando-a)* Estão com uma linda côr os teus cabelos... É da luz. *(ouve-se parar um automóvel)* Olha. Deve ser o meu carro.

HELENA

Já?

AMPARO, *indo ver à janela*

É o carro, é.

HELENA, *levantando-se*

Tão cedo!

AMPARO, *calçando as luvas*

Tenho ainda de dar umas voltas. Visitar a Júlia.

HELENA

A Júlia...? É verdade. Dizem que está com um actor?

AMPARO

Fazes lá idea! Uma rapariga que vivia tão bem! O brasileiro dava-lhe tudo. Estava gorda e tinha brilhantes... — Logo com um tipo reles, sabes? Um tipo que faz imitações. — Ainda ontem chorei por causa dela...

HELENA

Tu?

AMPARO

Não posso ver gente infeliz ao pé de mim. — Eu, afinal, sou boa rapariga...

HELENA

Ainda moras na mesma casa?

AMPARO

Avenida, 54. *(tirando flores do copo)* Levo-te umas violetas. Porque não vais por lá? Conversamos. Vai à uma. Almoças comigo. Um dia dêstes... Está combinado?

HELENA

Pois sim.

AMPARO

Lá te espero. — Adeus. Não faltes.

HELENA, *chamando*

Emília! *(à porta, beijando* AMPARO) Não falto, não... Obrigada. Adeus. (EMÍLIA *acompanha-a e fecha a porta)*

HELENA, *à sacada, por debaixo das tabuinhas*

Adeus. *(recolhendo da janela, numa voz dolorosa)* Emília!

EMÍLIA, *notando-lhe a palidez*

Que tem, minha senhora?

HELENA

Nada... Não é nada. Um automóvel que já foi meu.

EMÍLIA

Ah!

HELENA, *nervosamente, baixo*

Olha... Vem aí hoje aquela mulata, a Encarnação. Tu conheces...

EMÍLIA, *recordando-se*

Sim, minha senhora.

HELENA

Há de bater duas campainhadas, lá em baixo. Tu vais à janela, e se o senhor ainda estiver em casa fazes-lhe sinal para não subir. — Entendes?

EMÍLIA

Como das outras vezes?

HELENA

Sim. *(dando-lhe as luvas brancas)* Não te esqueças de limpar estas luvas.

EMÍLIA

O senhor sai?

HELENA

Sai. É preciso que ninguém sonhe que esteve cá essa mulher, ouviste?

EMÍLIA

Sim, minha senhora.

HELENA, *num sobressalto, ouvindo bater à porta*

Vê quem é.

MARIA ROSA, *à porta, para a criada*

O sr. doutor está em casa?

EMÍLIA

Saiu.

HELENA

Ah! É a menina Maria Rosa. — Entre.

MARIA ROSA, *pálida, com um lenço preto na cabeça e uma trouxa na mão*

Muito boa tarde, minha senhora. Eu vinha saber se o sr. doutor estava.

HELENA

O João? Saiu. Mas não se pode demorar muito.

MARIA ROSA, *quási sem poder falar*

Agradecer-lhe as cartas que fêz favor de escrever para o sr. doutor da enfermaria... Eu recolho hoje ao hospital.

HELENA

Então, não está melhorzinha?

MARIA ROSA

Não, minha senhora.

HELENA

Talvez pudesse tratar-se em casa...

MARIA ROSA, *com as lágrimas nos olhos*

Faz uma tristeza, ir para o hospital... Mas eu não tenho ninguém... E se o não ganhar... Assim, ao menos...

HELENA

Sim, ao menos... Está sossegada.

MARIA ROSA

Com as cartas que o sr. doutor escreveu, talvez me tratem bem.

HELENA

Hão de tratá-la, sim. Eu tenho pena, menina Maria Rosa... Se pudesse, dava-lhe os meios para se tratar em casa... Mas também não posso...

PASCOAL, *que assoma ao fundo, pela porta entreaberta*

Boa tarde. — Está cá dentro?

HELENA, *a* PASCOAL

O António? Está sim, sr. Pascoal.

PASCOAL, *enfiando pelo corredor da direita alta*

Com licença.

MARIA ROSA, *quando* PASCOAL *sai*

O que eu queria era pedir uma coisa à senhora.

HELENA

Se estiver na minha mão...

MARIA ROSA, *perturbada, baixando os olhos*

Mas tenho acanhamento.

HELENA

Diga...

MARIA ROSA

O sr. doutor... *(os soluços sufocam-na)*

HELENA

Vamos... Não chore, menina Maria Rosa... Então que é isso?

MARIA ROSA

O sr. doutor escreveu-me aquelas cartas... Tem sido tão bom para mim... Eu queria agradecer-lhe, mas não sei como... Lembrei-me... Dizem que os santos furtados ou achados dão felicidade... *(tirando do seio uma imagem de Christo crucificado, pintada em papel)* Trazia êste registro do Senhor crucificado... *(suplicando, a mêdo)* Não se ria, não, minha senhora...? *(quási alegre, ao vê-la beijar a imagem)* Ah! Também tem devoção?

HELENA

Muita.

MARIA ROSA

Triste de quem a não tem!

HELENA

Então a menina Maria Rosa quer que esta imagem...?

MARIA ROSA, *acanhada*

Sim... Queria deixá-la em qualquer parte onde o sr. doutor a encontrasse... É uma scisma que eu tenho... Que isto havia de lhe dar felicidade... E eu queria, quando morresse, saber que o sr. doutor era feliz...

HELENA, *olhando-a*

Mas... Eu nunca tinha dado porque a menina fosse tão amiga do João...

MARIA ROSA, *caindo, a chorar, nos braços de* HELENA

Ai, minha senhora!

HELENA

Maria Rosa... Pois é verdade? Gosta dêle? *(dolorosamente)* Coitada... Coitada!

MARIA ROSA, *numa ansiedade*

Não, não! Ai, meu Deus! Não diga nada ao sr. doutor... *(caindo sôbre o sofá, arquejante)* Não diga... Pela sua boa sorte!

HELENA, *vendo-a desfalecer*

Então... Menina Maria Rosa...

MARIA ROSA

Não diga!

HELENA, *chamando*

Emília! *(para* MARIA ROSA) Vê... Cansou-se... Fêz-lhe mal...

MARIA ROSA

Não foi nada.

HELENA, *para* EMÍLIA

Um copo de água.

MARIA ROSA

Não, minha senhora... *(levantando-se, amparada a* HELENA) Muito agradecida... Não foi nada. Eu vou-me embora. Tenho uma rapariga à minha espera, para me acompanhar...

HELENA, *dando-lhe o copo de água que* MARIA ROSA *rejeita*

Não quer?

MARIA ROSA

Então até à volta, minha senhora. Queira perdoar qualquer má palavra...

HELENA

Eu hei de lá ir visitá-la. O João deve saber os dias da visita... *(abraçando-a)* Verá que melhora depressa. Do que precisa é de sossêgo, de descanso... Largar o ferro... Não há de ser nada...

MARIA ROSA, *junto à porta*

Adeus, minha senhora.

HELENA, *vendo-a cambalear*

Quer que a ajude a descer? Está tão fraca...

MARIA ROSA

Não é preciso.

HELENA, *tirando dinheiro duma gaveta*

E depois há de meter-se num trem. *(acompanhando* MARIA ROSA) Vamos.

MARIA ROSA, *já na escada*

Muito agradecida... Eu posso...

PASCOAL, *entrando pela D. baixa com* ANTÓNIO

Qualquer coisa. Terceiro violino num teatro... Seja o que fôr.

ANTÓNIO

Vamos a ver, maestro.

PASCOAL

Era melhor que num café de lepes. Sempre se ganha mais. E agora, com o que tenho de

dar àquela desgraçada, para ela não morrer de fome...

ANTÓNIO

Mas porque não torna você a metê-la em casa, homem? Porque, emfim, não é sua mulher... As faltas dela não o desonram...

PASCOAL, *limpando uma lágrima*

Coitada! A passar na rua, para ver se vê a filha à janela... Mas a água-furtada fica lá para cima... — Eu logo disse... O outro dava-lhe um pontapé... E deu! — Depois, no botequim, todos a rirem-me na cara... É também por isso, para eu sair de lá. Terceiro violino, num teatro... Seja o que fôr. O pão de cada dia...

ANTÓNIO, *vendo entrar* HELENA

Saiste?

HELENA

Foi a Maria Rosa que veio despedir-se. Pobrezinha, vai para o hospital...

ANTÓNIO

Ah!

HELENA

Tão doente... Ajudei-a a descer a escada.

PASCOAL

Tudo são desgraças...

ANTÓNIO

Não lhe deste alguma coisa?

HELENA

Dei-lhe o pouco que tinha. Para se meter num trem. *(baixo)* Sabes que estamos sem dinheiro...

PASCOAL, *agarrando o chapéu*

Pois eu vou à vida.

ANTÓNIO

Até logo, maestro.

PASCOAL, *baixo, a* ANTÓNIO

Terceiro violino. Tudo serve.

ANTÓNIO

Vamos a ver.

HELENA, *a* PASCOAL

A sua filha?

PASCOAL

Coitadita... Lá em cima, a fazer vestidos para a boneca.

ANTÓNIO

Sòzinha?

HELENA

Porque a não traz? Fazia-me companhia. Gosto tanto dela...

PASCOAL, *num sorriso desvanecido*

Até logo. Eu já cá a mando. *(Sai, pelo fundo, deixando a porta encostada)*

ANTÓNIO, *passeando pela casa*

Estamos então sem dinheiro, hein?

HELENA, *junto à mesa, compondo as violetas*

Estamos.

ANTÓNIO

Nenhum?

HELENA

Nenhum.

ANTÓNIO

Foi o Entrudo. Fizemos tolices...

HELENA

Eu bem te dizia.

ANTÓNIO

Porque, o que nós damos para a casa, costuma chegar...

HELENA, *olhando-o, com tristeza*

O que vocês dão?

ANTÓNIO, *parando e encarando-a*

Pois não é verdade?

HELENA, *depois duma hesitação, em que as lágrimas lhe veem aos olhos*

Sim... Costuma.

ANTÓNIO, *passeando outra vez, nervoso*

Êste pão de cada dia, como diz o Pascoal!

HELENA

Tudo tão caro... Gasta-se sem a gente saber como.

ANTÓNIO

O Carnaval é que foi o peor. E, depois, o alfaiate... Pagaste aquela conta desta manhã?

HELENA

Com quê?

ANTÓNIO

Ah! Sim... Não há dinheiro. *(Depois dum*

momento) É preciso arranjá-lo, seja onde fôr. Estamos, a...?

HELENA

26.

ANTÓNIO

Faltam dois dias. Fevereiro, não é...? Dois dias.

HELENA

Sempre jantas fora?

ANTÓNIO, *despreocupado*

Janto.

HELENA

E o João?

ANTÓNIO

Também.

HELENA

Onde?

ANTÓNIO

Não sei. Convite do José de Castro. Mas vamos amargá-lo.

HELENA

Porquê?

ANTÓNIO

Lê uma peça, à sobremesa. Creio que é no Avenida-Palace. *(sorrindo)* Êstes literatos ricos!

HELENA, *com amargura*

Não lhes falta dinheiro...

ANTÓNIO

Mas falta-lhes talento. — Maldita coisa, ser preciso dinheiro para viver!

HELENA

Se não fosse, era bom.

ANTÓNIO, *sentando-se no sofá, nervoso*

Sempre esta preocupação...! Não posso trabalhar. É um inferno. Não faço nada... Nada!

HELENA

A culpa não é minha, bem sabes.

ANTÓNIO, *tomando-lhe as mãos*

Minha pobre Helena! E a ti? Falta-te alguma coisa? Dize... Porque, então, arruíno-me, meto-me nas mãos dos agiotas... É o último recurso.

HELENA

Não digas disparates. Bem vês que não me falta nada... E que faltasse! Eu não preciso de nada. Quero-te só a ti. Emquanto te tiver ao pé de mim, sou feliz... Ainda que sofra privações... Tu sabes lá como eu te quero, António!

ANTÓNIO

Sofres privações, sofres. Eu bem sei. Vejo-o nos teus olhos. Há coisas que tu me escondes...

HELENA, *passando-lhe a mão pelos cabelos*

Não. Estás doido. Não penses nisso...

ANTÓNIO

Mas eu quero que vivas como dantes. A mesma Helena, a minha Helena... *(beijando-a)* O perfume que usavas... Lembras-te? *L'heure bleue*... Mandei vir.

HELENA

Vês...? Tolice. Isso é que são coisas inúteis...

ANTÓNIO, *apaixonadamente*

Para os teus cabelos, para os teus beijos terem o perfume que tinham dantes...

HELENA, *com tristeza*

Dantes!

ANTÓNIO

Vi ontem um lindo casaco de peles. Uma francesa que passou no Chiado, loira, alta. Quero que arranjes um casaco assim, ouviste? *(rindo)* As peles ficam bem a todas as feras...

HELENA

E o dinheiro, meu tonto?

ANTÓNIO, *caindo em si*

O dinheiro... Esta horrível coisa do dinheiro! Não se poder ser feliz sem dinheiro...

HELENA

Então tu não gostas de mim, sem peles e sem perfumes? Se nós àmanhã tivermos de passar fome e privações, tu não gostas de mim...? *(com amargura)* Vês? Era o que eu receava...

ANTÓNIO, *envolvendo-a, numa carícia*

Não... Não, minha Helena!

HELENA

Era o que eu te dizia, naquela noite!

ANTÓNIO

Não... Bem vês... É mais por ti do que por mim. Quero que tu vivas contente, que não sintas a falta do luxo que tinhas... Eu adoro-te, tu bem sabes...! Se fosse preciso passar fome, passávamos fome, cantando! Não havíamos de ser menos felizes por isso. A nossa mocidade está em flor... E eu amo-te...

(beijando-a, com paixão) Cada vez mais! Cada vez mais...!

HELENA

António! *(erguendo-se do sofá)* Aquela janela aberta...

ANTÓNIO, *com simplicidade*

Tem as tabuinhas.

HELENA, *compondo o cabelo*

És uma criança!

ANTÓNIO, *de novo, tomando-lhe as mãos*

Se eu ainda não me fartei de ti... Do teu corpo... Da tua alma! Se te quero, como um doido! *(cingindo-a)* Êstes braços, à roda do meu pescoço... Assim, para sempre...!

HELENA, *numa paixão, bôca contra bôca*

É verdade que queres muito à tua Helena? É verdade? Que não estás aborrecido dela? Dize... Na minha bôca... É verdade?

ANTÓNIO

Adoro-te!

HELENA

Então, não penses em dinheiro. Que importa o dinheiro! Não te preocupes... A tua Helena

pensa nisso. — Tens trabalhado tôda a manhã, pobre amor! Porque não sais? Sai...

ANTÓNIO, *levantando-se*

Se alguém me emprestasse...

HELENA, *tristemente, encolhendo os ombros*

Quem?

CARMINHO, *tímida, com uma grande boneca, entrando pela porta do fundo*

Bom dia, minha senhora.

HELENA

Ah! És tu, Carminho? *(beija-a)*

ANTÓNIO, *procurando*

O chapéu?

CARMINHO, *envergonhada*

Foi o pai, que me disse para vir.

HELENA, *a* ANTÓNIO, *saindo*

Vou buscar.

ANTÓNIO

Então a senhora Carminho como está? Que lindos caracóis que tem a boneca!

CARMINHO, *rindo*

É cabelo dela...

HELENA, *trazendo o chapéu*

Pronto. *(pegando numa escôva)* Mas tu não vais assim para a rua. Deixa-me escovar-te...

ANTÓNIO, *apressado*

Está bem.

HELENA

Tens dinheiro, para ti?

ANTÓNIO

Qualquer coisa... Para cigarros, chega. *(beijando* HELENA) Adeus. *(a* CARMINHO) Viva!

HELENA, *à porta da rua*

Demoras-te?

ANTÓNIO, *da escada*

Não.

HELENA, *voltando da janela e chamando*

Emília! *(à pequena)* Venha cá a minha Carminho. Então, que tem feito? *(sentando-a no colo)* Está muito mal penteada, sabe?

CARMINHO

Foi o pai.

HELENA

Eu logo penteio-a melhor. Quer? Dê cá um beijo à sua amiguinha. *(pondo-a no chão)* Agora, deixe-me arranjar uma roupa. *(indo à cómoda, abrindo uma gaveta, tirando umas camisas)* Segure aqui.

CARMINHO, *olhando*

É uma camisa...

HELENA

É. *(dando-lhe outras peças de roupa)* Tome. Ponha ali em cima. *(tornando a chamar)* Emília!

EMÍLIA, *entrando*

Minha senhora.

HELENA

Tens de sair.

EMÍLIA

Sim, minha senhora.

HELENA

Um chale pelas costas... É um instante. *(dando-lhe as camisas, embrulhadas numa toalha)* Levas isto...

EMÍLIA, *a mêdo*

Empenhar mais...?

HELENA

São as últimas. Acabou-se. Dize que são de sêda... Camisas caras. Entendes? Pede o mesmo que pediste pelas outras.

EMÍLIA

Sim, minha senhora.

HELENA

Se não derem, vai à outra casa. Á da esquina.

EMÍLIA

Aonde, minha senhora?

HELENA, *dando-lhe um kimono bordado*

Toma. E mais isto. — Na travessa da Água-de-Flor...

EMÍLIA, *olhando o kimono*

Que pena!

HELENA

Pergunta. Logo te dizem. Vai. *(ouvem-se duas campainhadas, em baixo)* Espera... Vê quem é.

EMÍLIA, *à janela*

É a sr.ª Encarnação.

HELENA

A mulata? *(tirando-lhe a trouxa da mão)* Dá cá. Já não é preciso. — Dize que estou só. Que pode subir.

EMÍLIA, *à janela, falando para baixo*

Suba, sr.ª Encarnação. Está, sim...

HELENA

E agora, deixa-me sòzinha, ouves? Leva a pequena. *(à criança)* Vai, Carminho. (*a* EMÍLIA) Se passarem romãs, compra.

EMÍLIA

E o jantar, minha senhora?

HELENA

Os senhores não jantam em casa.

EMÍLIA

E a senhora?

HELENA

Eu só quero as romãs.

EMÍLIA

Não come... Depois adoece...

HELENA

Deixa. *(ouve-se bater à porta)* Abre.

ENCARNAÇÃO, *baixo, para* EMÍLIA

Está sòzinha...?

EMÍLIA

Está, sim, sr.ª Encarnação.

ENCARNAÇÃO, *entrando, a cara mulata cheia de verrugas, mantelete de vidrilhos, chapéu de grandes rosas, guarda-chuva*

Ora, então, como vai a minha jóia...? Como vai?

HELENA

Viva, sr.ª Encarnação. Já cuidava que não vinha.

ENCARNAÇÃO, *melindrada*

Eu...? Tu chamares-me e eu não vir? A Encarnação mulata...? Se eu não havia de vir, quando a minha jóia me chamava! *(dando o chapéu à criada)* Péga o chapéu, pequena. — Ora essa!

HELENA

Chove?

ENCARNAÇÃO

Se eu não havia de vir! — Umas pinguinhas. (EMÍLIA *põe o chapéu aberto, a um canto, a enxugar, e sai, com* CARMINHO) Ainda eu hoje dizia ao meu Isidro. Tenho conhecido muita rapariga, mas nunca tive tamanho fatacaz por nenhuma, como por ti.

HELENA, *imóvel, junto da mesa*

Obrigada, sr.ª Encarnação.

ENCARNAÇÃO, *sentando-se*

Porque, também, tens-me dado muito dinheiro a ganhar. Benza-te Deus.

HELENA

Infelizmente.

ENCARNAÇÃO

Isso lá é verdade. Cada qual tem a sua cruz. Eu também não ando nesta vida por fartura, filha.

HELENA

Com certeza.

ENCARNAÇÃO

Olha... Agora vim eu do Monte-pio. Está

tudo pela hora da morte. Rico tempo, em que a gente recebia em librinhas! Ao menos, era o dinheiro que Deus Nosso Senhor nos deu. Esta pouca vergonha do papel! *(mostra uma carteira cheia de notas)* Mas eu bem sei quem tem a culpa disto. São os governos. É qual mais pode roubar! Isto está tudo um Brasil de misérias, filha... Um Brasil de misérias!

HELENA

Ainda emquanto o papel valer, sr.ª Encarnação...

ENCARNAÇÃO

Sim, sim... Emquanto êle valer...

HELENA, *depois dum silêncio*

Sabe quem cá esteve, há bocado?

ENCARNAÇÃO

Quem foi?

HELENA

A Amparo.

ENCARNAÇÃO, *desdenhosa*

A Amparo? Ah, bem sei... Olha que sempre me saiu uma firma! Essa é que a sabe tôda!

HELENA

Não é má rapariga... E está bem, agora.

ENCARNAÇÃO

Bem sei. O inglês.

HELENA

Tem-na visto?

ENCARNAÇÃO

Tenho, mas... Estamos políticas.

HELENA

Ah! Não sabia... — Pois o inglês dá-lhe tudo. Brilhantes... Levou-a a Paris...

ENCARNAÇÃO

À terra dêle?

HELENA

Não, a França. Êle é inglês.

ENCARNAÇÃO

É a mesma coisa, filha.

HELENA

Antes de eu ter feito esta tolice, o outro também tinha prometido levar-me a Paris. *(com*

tristeza) Sabe? O automóvel em que anda agora a Amparo...? Era o meu.

ENCARNAÇÃO

Olha que também deste uma cabeçada! Ai, ai! Uma rapariga que podia ter um futuro tão bonito diante de si! *(abanando a cabeça, com ar repreensivo)* Vocês, vocês!

HELENA

É que a gente também tem uma coisa cá dentro, que... *(sem encontrar expressão)* Sim... Isto, sr.ª Encarnação, não há só o dinheiro na vida.

ENCARNAÇÃO

Também, não sei que mais haja, filha. A não ser a nossa rica saùdinha... O mais...

HELENA

Ora!

ENCARNAÇÃO

Um homem podre de rico! Depois, queixam-se. Que não teem que comer, que são umas desgraçadas...

HELENA

Que desgraça maior, sr.ª Encarnação, do que a gente gostar dum homem!

ENCARNAÇÃO

E tudo isto para te vires juntar com um... Desculpa que te diga, filha... — Com um pelintra.

HELENA

Oh! Sr.ª Encarnação!

ENCARNAÇÃO

Um?... Dois! Logo dois. Olha que já é sorte!

HELENA, *pálida*

Eu não a mandei chamar para lhe pedir conselhos, sr.ª Encarnação.

ENCARNAÇÃO

Custa-te ouvir? Eu bem sei que custa. Mas a verdade é esta. Uns pelintras. Não que eu os conheça, por que nunca os vi mais gordos. Nem quero! *(espalmando as mãos)* Jesus! Credo! Santo breve da marca! Homens que vivem à custa de mulheres!

HELENA

Isso é mentira! É mentira! Não vivem à minha custa! Nunca viveram! *(vibrando as palavras, na cara da mulata)* É mentira!

ENCARNAÇÃO

Queres-me agora tu convencer a mim, naturalmente...? A mim, que sei todos os podres? Ora vê lá se eu não saberei. Eu! A Encarnação! Hein...? Eu!

HELENA

Mas não quero eu que o diga! Êles não precisam de que eu os sustente. Um é médico. O outro é um escritor que tôda a gente conhece. Não estão em posição de ser sustentados por mim!

ENCARNAÇÃO, *num riso amarelo*

Então, porque te sujeitas tu a isto? A esta vergonha...? Porquê? É por gôsto?

HELENA, *dolorosamente*

Porque preciso.

ENCARNAÇÃO

Então...! Se o queres mais claro, só água. É porque precisas de dinheiro.

HELENA

Preciso de dinheiro, para mim.

ENCARNAÇÃO

Mas se é para ti, é para o homem que vive contigo.

HELENA, *febrilmente*

E então...? E que fosse? Será! Mas êle não sabe. É um rapaz honesto. Juro-lhe, sr.ª Encarnação! Juro-lhe que êle não sabe. Andam enganados... Tanto êle como o outro...

ENCARNAÇÃO, *duvidando*

Pois sim!

HELENA

Juro-lhe que não sabem nada! Não faça essa má idea... Não quero eu que a faça, ouviu? *(chorando)* Ah! Deus me livre! Deus me livre que êles soubessem!

ENCARNAÇÃO

Então êles são tolos, mulher? Vêem dinheiro. Não são êles que o dão... Donde há de vir? Creio que o dinheiro não cai do céu.

HELENA

Não... Coitados! Êles nem sonham que o dinheiro que dão não chega. O António nunca tinha vivido com uma mulher, assim, à sua custa... Não fazem idea do que se gasta. Só

para êles dois, chegava... Mas para mim! Tive de vestir-me... A sr.ª Encarnação sabe o que é uma mulher habituada a certas coisas... As despezas que se fazem... Eu não quis nada do que era do outro, nem vestidos, nem jóias. Só uma roupa para não ficar nua... Foi preciso comprar tudo, bem vê... Depois, o que êle ganha é incerto. O que escreve, uma correspondência para o Brasil, pouco mais. O outro é doente, reumático. Não pode subir escadas, a clínica é pouca... Julgam que dão mundos e fundos... E, afinal, nem êles sabem a que me obrigam... Nem êles sonham os sacrifícios, as vergonhas... Tudo o que a sr.ª Encarnação sabe... *(rompendo em soluços)* Ah, meu Deus, meu Deus!

ENCARNAÇÃO

Anda cá, mulher. Mas para que fazes tu êsses sacrifícios todos? Que é que tu ganhas com isso? Êle não to paga, não to reconhece... Estavas tão bem com o outro! Ali, regaladinha! Tudo quanto querias, tôda repimpada no automóvel como eu te vi muitas vezes...! Aquilo é que era vida!

HELENA, *com desprendimento*

Então... Se nós somos assim! Sou mais fe-

liz com a miséria dêste, que com a riqueza do outro.

ENCARNAÇÃO

Para quê, mulher! Para quê? Êle àmanhã, quando se fartar de ti, dá-te um pontapé. Já sabes como essas coisas são. Parece que nasceste ontem! Àmanhã farta-se e deita-te pela porta fora...

HELENA, *suplicante*

Não, não...! Não diga isso! Êle gosta de mim... Eu sei que êle gosta, ouviu? Nós sabemos, as mulheres. Sentimos em cada olhar, em cada beijo. Tenho a certeza de que êle não me deixa mais...! Não é verdade, senhora Encarnação? É doido por mim. Se soubesse! O que êle faz! E como eu lhe quero! É por isso que passo privações... Que preciso desta vergonha para viver... Por gostar muito dêle, para êle não se aborrecer de mim. — Ainda quando tenho que empenhar... Agora, quando a senhora chegou, eram estas camisas que iam...

ENCARNAÇÃO

Ai, ai, ai! Já nós lá vamos? Já tu começas a empenhar o pouco que tens?

HELENA

Senão, não lhe tinha escrito, senhora Encarnação... Não lhe dava êste incómodo. Eu, custa-me pedir... *(com visível esfôrço)* Mas se a sr.ª Encarnação me adiantasse quinhentos mil réis...

ENCARNAÇÃO

Eu tenho lá quinhentos mil réis, filha!

HELENA

A sr.ª Encarnação foi receber ao Montepio... Já lhe vi notas grandes na carteira...

ENCARNAÇÃO

E depois, eu não me fio em vocês. Vocês prometem muito para me apanhar dinheiro, e quando eu as mando chamar dizem que não podem. Olha, tu mesmo já me deixaste ficar mal duas vezes...

HELENA

Porque não precisava. Agora, infelizmente, preciso.

ENCARNAÇÃO

Toma lá cem mil réis, e já estás com sorte. *(pondo a nota sôbre a mesa)* Vocês tiram-me os olhos da cara!

HELENA

Quanto êste dinheiro me vai custar!

ENCARNAÇÃO, *baixo*

Posso, então, contar contigo?

HELENA, *com os olhos rasos de lágrimas*

Sim, sr.ª Encarnação.

ENCARNAÇÃO

Ora ainda bem. Verás que não te arrependes. Mulher que se chega para mim nunca lhe falta dinheiro. Ai, filhas, filhas, que havia de ser de vocês se não fosse eu! *(levantando-se)* Então, até outro dia, que já lá tenho o meu Isidro à espera.

HELENA, *abrindo o saco-de-mão, tirando uma carteira, guardando a nota*

Obrigada, sr.ª Encarnação.

ENCARNAÇÃO

Vê lá onde guardas isso.

HELENA, *pondo a carteira sôbre a mesa*

Fica aqui, na minha carteira. — E o sr. Isidro, como está?

ENCARNAÇÃO, *indo buscar o guarda-chuva, aberto a um canto*

Ora, filha... Um zaranza! Sempre com aquela mania dos benecrinhos de barro. Tenho a casa cheia de bonecos! *(olhando pela janela)* Olha, já faz sol. — Então, fica combinado. Quando eu te avisar, já sabes...

HELENA, *assomando à janela*

São travessias. Eu também saio, daqui a nada.

ENCARNAÇÃO, *vendo* CARMINHO, *que assoma, ao fundo*

Viva! (*a* HELENA) Quem é esta miúda?

HELENA

Filha do rabequista ali do café. *(à pequena)* Carminho, dá um beijo a esta senhora, anda...

ENCARNAÇÃO, *notando a repugnância da pequena, que volta a cara*

Não me queres dar um beijo? Tens mêdo? Então eu sou tão feia que mêta mêdo...?

CARMINHO, *quási a chorar*

É, sim, senhora...

HELENA, *repreendendo mas com vontade de rir*

Carminho!

ENCARNAÇÃO, *já à porta*

Que tal está a garota, hein?

HELENA

Não faça caso, sr.ª Encarnação. São crianças...

ENCARNAÇÃO

Pois está visto. *(saindo)* Adeus, adeus...

HELENA, *num suspiro de alívio*

Emfim! *(à pequena)* Carminho! Vais sair comigo, queres?

CARMINHO

Quero, sim, minha senhora.

HELENA

Então, espera aí, emquanto eu me visto, sim?

CARMINHO, *muito alegre*

Vou com a boneca...

HELENA

Está dito. Vais com a boneca. Espera um bocadinho. Com juízo... *(sai pela direita baixa, a despir o roupão)*

JOÃO, *entrando pelo fundo, voltando ainda ao patamar e tornando a entrar, pálido*

Esta mulher na escada! *(vendo* CARMINHO) Pequena! Anda cá. Esteve aqui alguém?

CARMINHO, *assustada*

Esteve, sim, senhor.

JOÃO

Uma velha mulata?

CARMINHO

Muito feia.

JOÃO, *pegando-lhe ao colo e levando-a à sacada*

Vem cá... *(apontando, nervoso)* Era aquela, que ali vai na rua? Era? Vê bem...

CARMINHO

Era, sim senhor.

JOÃO, *cerrando os punhos*

Ah! Então não há dúvida. Não há dúvida. Esteve falando com a senhora?

CARMINHO

Esteve.

JOÃO

Muito tempo?

CARMINHO

E quis-me dar um beijo.

JOÃO, *exaltado, passeando pela casa e falando consigo próprio*

Sempre era verdade o que eu ouvia! E vão lá ter amantes! E vão lá sofrer por elas! *(a* CARMINHO) Ouve, petiza. Tu não dizes à senhora que eu falei contigo... *(ameaçando-a)* Senão...!

CARMINHO, *quási a chorar*

Eu não digo nada...

JOÃO

Dize-lhe só que entrei e que estou no meu quarto.

CARMINHO

Sim, senhor.

JOÃO, *saindo*

Vê lá!

HELENA, *chamando, de dentro*

Emília!

EMÍLIA, *respondendo, de dentro*

Minha senhora.

HELENA, *entrando, já vestida, para a criada, que assoma*

Aperta-me o vestido. *(vendo a* CARMINHO *chorosa)* Que estás tu a chorar, Carminho? Não queres sair?

CARMINHO

Quero, sim, minha senhora.

HELENA

Então porque choras? *(dando-lhe um beijo)* Vamos à Avenida. Compramos bolos... Queres? *(para* EMÍLIA) O prego do chapéu?

CARMINHO

O sr. João entrou agora. Diz que está lá dentro, no quarto.

HELENA, *pregando o chapéu*

Sim? Então vai lá ver se êle quer alguma coisa. Dize-lhe que vou sair. (CARMINHO *sai pelo fundo)*

EMÍLIA, *olhando* HELENA

Já está mais alegre, a senhora...

HELENA

O dinheiro dá alegria, filha.

EMÍLIA

A sr.ª Encarnação trouxe?

HELENA

Trouxe. — Já não chove?

EMÍLIA, *assomando à janela*

Não, minha senhora.

HELENA

Se vier o senhor, dize-lhe que saí com a pequena.

CARMINHO, *entrando*

O senhor doutor diz que não precisa de nada.

HELENA, *a* EMÍLIA

Compraste as romãs? — Inda tenho de ir lá acima, vestir a criança. *(a* CARMINHO) Então não quer nada, não? Já sei. Está nos seus dias de mau humor. — As luvas? (EMÍLIA *dá-lhe umas luvas brancas)* Bem. *(à petiza)* Vamos, Carminho. *(a criada sai pela direita baixa)*

HELENA, *ao sair, dando com* ANTÓNIO, *que entra*

Ah! És tu? — Ia sair um bocadinho, com a

pequena... *(vendo-o assentar-se, triste, no sofá)* Então, arranjaste?

ANTÓNIO

Coisa nenhuma.

HELENA

Deixa. Não faz mal.

ANTÓNIO, *dolorosamente, a cabeça entre as mãos*

Nem o meu editor me adiantou umas centenas de mil réis que lhe pedi!

HELENA, *ofectuosa, sentando-se junto dêle*

Não te apoquentes. Deus dará. Às vezes, o que é preciso é sorte...

ANTÓNIO

Diz que os meus livros não se vendem, e tem ganho rios de dinheiro comigo, o canalha!

HELENA, *envolvendo-o nos braços*

Deixa, meu amor. A gente já sabe que o mundo é assim... Não te preocupes com essas coisas. A tua Helena pensa em tudo...

ANTÓNIO

Não há remédio. Tenho de meter-me nas

mãos dos agiotas. Empenhar o talento, empenhar os nervos, empenhar o sangue! Depois, criaturas que me perseguem na rua... Devo a tôda a gente. É um inferno. *(beijando* HELENA) E tu sem dinheiro, coitadita! Mas eu não sei... O que nós damos devia chegar. Não sei como isto é... Mas tu não tens dinheiro nenhum? Mesmo nenhum?

HELENA, *lançando um olhar à carteira, que está sôbre a mesa*

Eu...? Não.

ANTÓNIO, *pegando na carteira, no momento em que* HELENA *se levanta para a guardar*

Nem na carteira?

HELENA, *visivelmente perturbada*

Não... Não tenho nada. Dá cá...

ANTÓNIO, *indo para abrir a carteira*

Deixa ver.

HELENA, *febrilmente*

Se eu te digo que não tenho nada... Dinheiro nenhum... Não acreditas?

ANTÓNIO, *notando a perturbação de* HELENA

Mas não é preciso corar para dizer isso.

HELENA

Não é corar... É que tu não crês no que eu te digo. *(insistindo)* Dá cá...

ANTÓNIO

Toma. *(olhando-a e retendo a carteira)* Mas que tens tu? Tu estás nervosa. Estranho-te. Há aqui dentro alguma coisa que não queres que eu veja?

HELENA

Não... Juro-te. Nada. Vou sair... Preciso da carteira. (ANTÓNIO *vai abrir a carteira;* HELENA *lança-se-lhe nos braços)* Não, não, António... Peço-te... Dá-me a carteira. É a tua Helena que to pede...

ANTÓNIO, *repelindo-a*

Larga-me!

HELENA, *seguindo-lhe os movimentos, numa angústia*

Mas se não há nada aí dentro... Se eu te digo... Meu Deus!

ANTÓNIO, *encontrando a nota*

Dinheiro... Cem mil réis?

HELENA, *pálida, os lábios sêcos, os olhos brilhantes*

Ah! Não... Não... *(dominando-se, procurando justificar-se)* É que...

ANTÓNIO

Então tu dizes que não tens dinheiro nenhum, e eu venho encontrar-te cem mil réis na carteira?

HELENA

Eu tenho cem mil réis na carteira?

ANTÓNIO, *violento*

Então tu mentes-me!

HELENA

Não... Juro-te que não me lembrava... Não sabia...

ANTÓNIO

Donde veio êste dinheiro? *(agarrando-a pelos braços, brutal)* Vais já dizer-me donde veio êste dinheiro!

HELENA

António! Que me magoaste os pulsos...! *(balbuciando)* Eu digo-te... Mas sossega... Então que imaginas tu?

ANTÓNIO

Tu ainda agora não tinhas esta nota! Ou tinhas, e mentiste!

HELENA

Menti... Menti...

ANTÓNIO

Então que dinheiro é êste? Dize-me a verdade! Eu estou a ver nos teus olhos se mentes... Que dinheiro é êste?

HELENA

Não te zangues, António... Êste dinheiro...

ANTÓNIO

Donde veio?

HELENA

São as minhas economias... Um dinheiro que eu tinha, para qualquer aflição, e em que não queria mexer... É natural, bem vês. Só não sabe o que isto é quem não governa uma casa. Juntei, aos poucos... Perdoa tê-lo escondido de ti, ter-te mentido... Mas nós gastávamos, e depois, se viesse uma dificuldade, uma doença...

ANTÓNIO

Valha-te Deus! Não valia a pena, por uma coisa tão simples, perturbares-te tanto...

HELENA

É que eu não sei mentir, eu tenho horror à mentira... *(numa crise de chôro nervoso)* Meu Deus!

ANTÓNIO, *beijando-a*

Vamos... Então... Já passou. Eu não me zanguei. O que não quero é que tu me ocultes seja o que fôr, porque nós não podemos ter segredos um para o outro. E muito menos em questões de dinheiro, não é verdade? — Dá cá um beijo. — Tu tens razão, é preciso ter juízo, fazer economias...

HELENA

Mas hoje, não. Não posso mais. Estou nervosa. Quero distrair-me, aturdir-me. Vamos passear os dois, sim, meu António? Metemo-nos num automóvel, damos uma volta no Campo-Grande, levamos a pequena... Falta-me o ar. Sufoco. *(lançando-lhe os braços ao pescoço)* Dize-me que gostas de mim... Eu preciso que tu me digas que gostas muito de mim...

ANTÓNIO

Helena, minha Helena... Adoro-te! *(beijando-lhe os braços)* Êstes queridos braços, que eu magoei... *(beijando-lhe os olhos)* Êstes olhos, que eu fiz chorar! Perdoa. Eu não ando bem, eu ando neurasténico, doente. Trabalhei tôda a tarde. Sim, vamos tomar um pouco de ar, passear juntos, como dois noivos...

HELENA

Gosto tanto de andar ao teu lado, de que me vejam contigo... Sinto-me tão orgulhosa, tão feliz! — Já estou vestida. Falta vestir a pequena. *(chamando* CARMINHO, *que brinca à janela)* Venha, Carminho. — É um instante...

ANTÓNIO

Manda-se a Emília à *garage,* buscar um carro. *(chamando)* Emília!

HELENA

Sabes quem tem agora o meu automóvel? É a Amparo... Uma rapariga loira que aí anda...

ANTÓNIO

Tens saudades?

HELENA, *saindo, com a pequena pela mão*

Nesse tempo, gostavas tu mais de mim...

ANTÓNIO, *a* EMÍLIA, *que entra*

Tens de ir chamar um carro. E, de caminho, troca-me esta nota.

EMÍLIA

No droguista?

ANTÓNIO

Em qualquer parte. *(dando-lhe os cem mil réis)* Toma.

JOÃO, *entrando, de súbito, e deitando a mão ao dinheiro*

Não, António! *(a* EMÍLIA*)* Lá para dentro! *(a* ANTÓNIO, *que o olha, sem compreender)* Neste dinheiro não se toca. *(de novo, a* EMÍLIA, *transida e imóvel)* Lá para dentro!

ANTÓNIO

Não se toca, porquê? Tu estás doido?

JOÃO

Porque êste dinheiro não é teu.

ANTÓNIO

Então de quem é, senão nosso? Cem mil réis que a Helena foi economizando pouco a pouco, do meu dinheiro, do teu, do dinheiro da casa...

JOÃO

Disse-to ela?

ANTÓNIO

Disse.

JOÃO

Mentiu! *(espanto de* ANTÓNIO*)* Mentiu, repito. Se tu tocares nesse dinheiro és um canalha! E se eu o consentir, sou um mau amigo.

ANTÓNIO

João!

JOÃO

Um mau amigo e um homem desonrado. Porque a lama que essa mulher te arremessa à cara, não cai apenas sôbre ti, cai sôbre mim, também!

ANTÓNIO, *crescendo para o amigo*

João! Tu não tens o direito de me falar assim! Explica-te primeiro. A amizade não dá direito ao insulto. Explica-te! Não me obrigues a esquecer que tenho diante de mim um amigo!

JOÃO, *olhando-o, dolorosamente*

Esquecido disso já tu estás há muito tempo. Mas basta que sejas ingrato, porque a ingratidão não envergonha ninguém. Do que eu te hei de salvar, porque te quero como a um irmão, é de tudo o que possa macular a tua dignidade. Hei de defendê-la dos outros e de ti mesmo, tão encarniçadamente como se fosse a minha própria! *(atirando a nota para cima da mesa)* Êste dinheiro foi ganho com infâmia e com desonra. Ganho pela mulher que vive contigo de portas a dentro. Deves restituir-lho. Não é teu.

ANTÓNIO, *numa angústia*

João! João! Isso não pode ser, isso é uma calúnia! Tu queres perdê-la! Tu queres perder-me! Ela era incapaz, ela gosta de mim... Juro-te!

JOÃO

Não jures!

ANTÓNIO

Mas que provas tens tu? Provas! Dá-me provas!

JOÃO

Não as tenho. Por ora.

ANTÓNIO, *avançando, agressivo*

Não tens provas e fazes uma acusação dessas? Isso é indigno de ti! Ela é uma mulher. Não tem ninguém que a defenda, senão eu. Tu estás abusando dos direitos que te deu a minha amizade, ou a minha fraqueza. O que tu estás fazendo é uma vilania!

JOÃO

Insulta-me à vontade! Por causa duma mulher que te não merece, insulta o teu melhor amigo! Ameaça-o! Defende-a contra mim! Bate-me! Por que eu prometo que não levanto um braço!

ANTÓNIO

Mas dá-me provas! Não basta acusar. Dá-me provas! A Helena, tão correcta, tão digna! É lá possível! Isso não se inventa, João! Porque dizes tu isso?

JOÃO

Porque vi sair de cá, há um instante, agora, essa mulata que tôda Lisboa conhece... Que tu conheces tão bem como eu!

ANTÓNIO

Daqui...? De casa?

JOÃO

Há um momento.

ANTÓNIO

A mulata? *(caindo sôbre o sofá, como um farrapo)* Ai, meu Deus, que eu enlouqueço! — Tu viste? Viste?

JOÃO

Vi. Foi ela que lhe trouxe êsse dinheiro, necessàriamente, por que a Helena não o tinha. E tanto o não tinha, que mandou, há dois dias, empenhar uma roupa.

ANTÓNIO, *soluçando, a cabeça entre as mãos*

Se ela me enganou! Se ela me enganou!

JOÃO

Mas se não basta para a tua cegueira, eu vou arranjar-te melhor prova. A definitiva. Que não deixe dúvidas, que se mêta bem pelos teus olhos dentro! — Espera-me aqui. — Vais saber quem é essa mulher, e o que são as mulheres da sua laia!

ANTÓNIO, *erguendo-se*

João! Aonde vais tu?

JOÃO

Dás-me a tua palavra de honra que nada dizes à Helena, até que eu volte?

ANTÓNIO

Mas para quê?

JOÃO, *insistindo*

Dá-me a tua palavra de honra!

ANTÓNIO, *perplexo*

João! Mas...

JOÃO

Assegura-me que nada lhe dizes!

ANTÓNIO

Sim... Nada, nada... Mas que prazer tens tu em despedaçar-me o coração? Aonde é que tu vais?

JOÃO, *agarrando no chapéu e saindo*

A casa da mulata!

ANTÓNIO, *correndo a chamá-lo*

João! *(caindo sôbre o sofá, pálido, a nota amarrotada nas mãos convulsas)* — Ai! Mas

não é possível! Não é possível! — E esta nota, que não fala! E esta nota, que não me diz a verdade! Que não cora, que não empalidece, que não tem um sinal sequer da lama que a salpicou! Miserável papel! *(olhando a nota, como a interrogá-la)* Mas fala! Dize! Fala! Dize alguma coisa! Como foi que tu me vieste atormentar? Dize! Que beijos pagaste tu? Que vergonhas? Que horrores? Que traições... ? — Miserável papel! Miserável papel!

HELENA, *entrando, a rir, com a pequena já vestida*

Pronto! — Vem, Carminho... *(vendo* ANTÓNIO, *que soluça, no sofá)* Ah! Mas que tens tu, António? Que tens tu? Que foi?

ANTÓNIO, *disfarçando*

Nada, nada... É que... É que descobri que esta nota era... falsa!

HELENA, *tirando-lhe o dinheiro da mão*

Falsa? Não... Não pode ser!

ANTÓNIO, *para* HELENA, *que, de costas, olha a nota à luz da janela*

Falsa! Falsa! Falsa!

O pano cai, rápido.

TERCEIRO ACTO

Saleta num terceiro andar da rua dos Corrieiros, com todo o carácter das casas do género. Sofá e poltronas cobertas de linhagem. Mesa ao meio, com pano de *crochet*. Armário cheio de bonecos de barro. Na parede, um grande retrato a óleo. Janela de peitos, à direita; no vão duma delas, pendurada, a gaiola dum canário. Á esquerda, portas interiores. Porta ao fundo, dando para a escada: vê-se o corrimão, o alizar de azulejos, e, na parede caiada, uma imagem, também de azulejos, com um Santo António.

TERCEIRO ACTO

ANA, *contrabandista, sentada no chão, junto duma trouxa aberta;* ENCARNAÇÃO, *esguedelhada, sapatos de trança, sentada ao pé.*

ANA, *mostrando a* ENCARNAÇÃO *uma velha sêda de ramagens*

Então não quer, sr.ª Encarnação?

ENCARNAÇÃO

Nada, nada.

ANA

Olhe que é bom, antigo...

ENCARNAÇÃO

Vão os tempos muito bicudos.

ANA

Uma sêda boa, que se põe em pé... Veja isto, sr.ª Encarnação.

ENCARNAÇÃO, *olhando por demais*

Sim, sim...

ANA

Tem sempre saída.

ENCARNAÇÃO

Hoje em dia, gente assim duma certa ordem já não compra em segunda mão. Vossemecê bem sabe.

ANA

Ora, ora!

ENCARNAÇÃO

Não compram. É dinheiro empatado.

ANA

Vende-se tudo. Ainda ontem, uma senhora Condessa — uma de que aí se fala muito... — me comprou um corte de sêda, bem bom. Uma pechincha.

ENCARNAÇÃO

Então vossemecê também lá anda pelas fidalgas, ó sr.ª Ana?

ANA

Pois então! A gente faz a sua vida.

ENCARNAÇÃO

Conte-me dessas!

ANA

Mas, eu cá, é só para o negócio.

ENCARNAÇÃO, *rindo*

Só?

ANA

Pela minha salvação!

ENCARNAÇÃO, *tirando uma carta de cima da mesa*

Olhe. Veja êste sobrescrito.

ANA

Deixe cá pôr os óculos.

ENCARNAÇÃO

Tem uma coroa doirada. Vossemecê entende disto de fidalguias?

ANA

Deve ser dum titular.

ENCARNAÇÃO

Para que a sr.ª Ana veja que eu também cá ando na boa roda. A gente escreve-se. É tu cá, tu lá... *(baixando a voz, em confidência)*

Êles e elas. Isto está mesmo podrinho... Podrinho!

ANA

Ora, diga-me cá a mim, que eu não sei!

ENCARNAÇÃO

Que mundo!

ANA

Peores que as outras, que as da vida airada.

ENCARNAÇÃO

Essas, ao menos, fazem as coisas pela desgraça...

ANA

Pela fome. Agora elas... ! O que me admira, sr.ª Encarnação, sabe o que é? É que os maridos não dêem por isso.

ENCARNAÇÃO, *desdenhosa*

Os maridos!

ANA

Pois!

ENCARNAÇÃO

Foi tempo em que havia maridos, sr.ª Ana. Isto hoje é uma súcia. Veja o meu, o Izidro. Para que serve aquilo? Só para fazer recados...

(apontando o armário dos bonecos de barro) E para me gastar dinheiro com a bonecragem.

ANA, *olhando o armário*

Parece uma loja de capelista!

ENCARNAÇÃO

É o que vossemecê está vendo.

ANA, *depois dum silêncio*

Então, não vai a sêdazinha?

ENCARNAÇÃO

Nada, nada, sr.ª Ana. Para a outra vez. Falta aquilo com que se compram os melões.

ANA, *duvidando*

Ora!

ENCARNAÇÃO

Faz lá idea! Ainda ontem. Cem mil réis para fora da algibeira...

ANA

Vossemecê?

ENCARNAÇÃO

E para uma rapariga que a sr.ª Ana conhece.

ANA

Eu?

ENCARNAÇÃO

Comprava-lhe, dantes, muita meia de sêda.

ANA

Uma, loira?

ENCARNAÇÃO

Não. Aquela que esteve com o Visconde. A Helena.

ANA

Ah! Sim, sim... Mal empregada! Uma mulher que estava tão bem! Até tinha dama-de-companhia... Aquilo é que se chama dar um pontapé na fortuna!

ENCARNAÇÃO

É verdade. — Então que quer vossemecê! Agora lá foi o meu Izidro a casa dela.

ANA

Para lhe pedir o dinheiro?

ENCARNAÇÃO

Não. Para ver se ela cá pode chegar. *(piscando os olhos)* Coisas...

ANA

A desgraça destas é que faz pena, não é verdade, sr.ª Encarnação?

ENCARNAÇÃO

Mas que se há de fazer...? É disto que a gente vive... Também se não houvesse doentes, os médicos morriam de fome. *(olhando a janela)* Querem ver que o meu Izidro não arranjou o canário?

ANA

Coitadinho!

ENCARNAÇÃO, *subindo a uma cadeira e tirando a gaiola*

Ora! Eu não disse...! Pschiu! Menino! Sem comer! *(descendo da cadeira e encaminhando-se para a esquerda baixa, com a gaiola)* Se aquilo não pensa senão na bonecragem! É um songa-monga! Só come e dorme! *(saindo, e falando, dentro)* Agora, para ir à rua da Atalaia e ao sapateiro, leva mais tempo que se fosse à China! *(ao canário)* Menino! Tem fominha?

ANA, *levantando a trouxa*

Eu então vou andando, sr.ª Encarnação. Até outro dia...

ENCARNAÇÃO, *de dentro*

Espere aí, que já lhe abro a porta.

ANA

Eu sei abrir.

ENCARNAÇÃO, *entrando*

Espere aí... Então já se vai embora?

ANA

Dar umas voltas. Isto vai mau. Parece que não me benzi hoje.

ENCARNAÇÃO

Então, Deus lhe dê boa venda, sr.ª Ana.

ANA

Amen, Jesus.

ENCARNAÇÃO, *sai*

Eu vou ao meu canário. É só empurrar a porta.

ANA, *já na escada*

Viva, sr. Izidro!

IZIDRO, *aparecendo, no patamar*

Sr.ª Ana!

ANA

Vá, vá, que a sua mulher está à espera.

IZIDRO, *entrando, gordo, oleoso, risonho, e dirigindo-se à porta da esquerda baixa*

Ó Encarnaçãozinha!

ENCARNAÇÃO, *entrando, com a gaiola*

Ah, és tu?

IZIDRO

Sou.

ENCARNAÇÃO

Então, estava?

IZIDRO

Estava.

ENCARNAÇÃO

Deste-lhe o recado?

IZIDRO

Dei.

ENCARNAÇÃO

E ela?

IZIDRO

Que cá vinha. Logo.

ENCARNAÇÃO

Ás três horas?

IZIDRO, *olhando o relógio*

Três são êle. Ás três e meia.

ENCARNAÇÃO, *que sobe à cadeira, pendura a gaiola e desce*

Foste ao sapateiro?

IZIDRO, *tirando um embrulho da algibeira*

Aqui estão. Dei a medida.

ENCARNAÇÃO

Deixa vêr se me servem. *(desembrulha, descalça um sapato de trança, e calça outro, de pé)*

IZIDRO

Servem?

ENCARNAÇÃO

Quanto foi?

IZIDRO, *titubeando*

Foi...

ENCARNAÇÃO

Quê? Já estão mais caros?

IZIDRO

O mesmo preço dos outros.

ENCARNAÇÃO, *andando pela casa*

Estão bons.

IZIDRO

Eu logo disse.

ENCARNAÇÃO

E a demasia?

IZIDRO, *hesitante*

Cá está.

ENCARNAÇÃO, *contando o dinheiro*

Faltam oito tostões.

IZIDRO, *atrapalhado*

Faltam?

ENCARNAÇÃO

Faltam.

IZIDRO

Ó Encarnaçãozinha...!

ENCARNAÇÃO

Não há Encarnaçãozinha nem meia Encarnaçãozinha! É pôr para aqui o dinheiro. Já!

IZIDRO, *procurando nos bolsos*

Mas eu não tenho...

ENCARNAÇÃO

Veja no colete.

IZIDRO, *deitando as algibeiras do colete para fora*

Só se perdi.

ENCARNAÇÃO, *ameaçadora*

Sr. Izidro, sr. Izidro! Que tem o senhor aí na algibeira das calças?

IZIDRO

Eu?

ENCARNAÇÃO

Deixe cá ver.

IZIDRO, *tirando da algibeira um boneco de barro*

É um archeiro. Não te zangues. Eu ainda não tinha um archeiro...

ENCARNAÇÃO

O senhor não tem mesmo vergonha nenhuma!

IZIDRO, *guardando o boneco no armário, a mêdo*

Foram só oito tostões...

ENCARNAÇÃO

Um dia parto isso tudo! Previno-o, sr. Izidro! Parto isso tudo! Um homem da sua idade, com barbas na cara!

IZIDRO

Não te zangues. É a única extravagância que eu tenho...

ENCARNAÇÃO

Bom. Vá mudar de fato. Não quero joelheiras nessas calças.

IZIDRO

Minha rica jóia! *(beija-a)* Se me desses mais oito tostões, para comprar um polícia!

(Ouve-se bater à campainha)

ENCARNAÇÃO

Vê quem é. Pelo ralo da porta.

IZIDRO, *indo espreitar, e voltando*

É aquele sujeito...

ENCARNAÇÃO

Que esteve cá ontem?

IZIDRO

Sim.

ENCARNAÇÃO

Recebe-o tu.

IZIDRO

Eu?

ENCARNAÇÃO

Tenho de sair, não estou para aturar o homem. *(nova campainhada)* Lá vai, lá vai! *(a* IZIDRO) Dize que se arranjou tudo. Que ela vem. Mas que foi muito difícil. Encarecer... O costume. Percebes?

IZIDRO, *abrindo a porta, emquanto* ENCARNAÇÃO *sai pela esquerda alta*

Tenha a bondade de entrar.

JOÃO, *entrando*

Boa tarde.

IZIDRO

Como está v. ex.ª?

JOÃO

Vamos a saber. Vem?

IZIDRO, *risonho, afável*

Ainda agora lá estive em casa.

JOÃO

Agora?

IZIDRO

E como não encontrei aqueles dois sujeitos com quem ela vive... Sabe v. ex.ª? Falei-lhe.

JOÃO, *impaciente*

E então?

IZIDRO

Vem cá.

JOÃO

Ah! Sempre vem?

IZIDRO

Deu um poucochinho de trabalho... Estas coisas... Mas, emfim... Arranjou-se. *(depois*

dum silêncio, sem saber o que há de dizer) É verdade.

JOÃO

E a que horas?

IZIDRO

Ás três e meia.

JOÃO

Então êsses dois sujeitos com quem ela vive, não estavam?

IZIDRO

Nada. Tinham saído.

JOÃO

Diz-se por aí que é ela que os sustenta. Tem ouvido?

IZIDRO

Isso é mais velho!

JOÃO, *nervoso*

Já tôda a gente sabe, hein?

IZIDRO

Tôda a gente.

JOÃO

Sua mulher?

IZIDRO

Também.

JOÃO

Pergunto se sua mulher está em casa.

IZIDRO

Ah! Está lá dentro. Está a vestir-se para sair.

JOÃO

Eu espero.

IZIDRO

Se v. ex.ª quer entreter-se a ver a minha colecção...

JOÃO

De mulheres?

IZIDRO

Não, senhor. De bonecos de barro.

JOÃO

Também se vendem?

IZIDRO

Nada. Êstes não são para vender.

JOÃO

Admira. Aqui vende-se tudo. Tôda a espécie de bonecas sem coração e sem vergonha!

IZIDRO

A culpa não é delas. É de quem as compra, cavalheiro. — Pois isto é cá a minha gente. Entendemo-nos muito bem. Converso com êles, quando estou sòzinho. — Veja v. ex.ª êste archeiro, que eu comprei hoje... — Entretenho-me com isto. Não temos filhos...

JOÃO

O barro humano é mais frágil.

IZIDRO

Tenho de tudo. Só me faltam irmãs de caridade.

JOÃO

Sim?

IZIDRO

Tive três. Mas a minha mulher, quando foi dessa questão dos conventos, pregou com elas da janela abaixo...

ENCARNAÇÃO, *chamando, dentro*

Izidro! Ó Izidro!

IZIDRO, *respondendo*

Lá vou, lá vou. *(a* JOÃO) Naturalmente, é para lhe atacar o vestido...

JOÃO

Bem. Então, como ela se demora, diga-lhe que eu vou prevenir o meu amigo.

IZIDRO, *sem compreender*

O seu amigo?

JOÃO

Sim. A entrevista é com um amigo meu.

IZIDRO

Pois não é com v. ex.ª?

JOÃO

Não. É um amigo meu, da província. Como êle é muito envergonhado, tratei eu de tudo. Entende?

IZIDRO

Ah! Sim, sim... *(rindo)* Êle há alguns muito envergonhados, há...

ENCARNAÇÃO, *chamando-o, outra vez*

Izidro!

JOÃO, *dirigindo-se para o fundo*

Está lá em baixo, na escada. É só chamá-lo.

IZIDRO, *a* JOÃO

Com licença, cavalheiro. *(saindo, pela esquerda alta)* Lá vou, lá vou...

JOÃO, *no patamar da escada, falando para baixo*

António! Sobe. — Não está. Mas vem.

ANTÓNIO, *entrando, desfigurado, pálido*

João! Isto é uma tortura!

JOÃO

Exigiste-me provas, como ao primeiro caluniador que se desconhece. Venho dar-tas. Disse-te que ela vinha aqui, a casa da mulata. Dentro dum quarto de hora, hás de vê-la entrar aquela porta.

ANTÓNIO, *deixando-se cair sôbre o sofá*

Mas isto é uma dor inútil, João! Que queres tu mais de mim? Pois não me basta já a certeza? Para que me queres tu fazer sofrer mais?

JOÃO

Fica. É preciso que te convenças. Que vejas, com os teus olhos. Que lhe fales. Que tudo acabe, por uma vez.

ANTÓNIO

Mas com que direito me impões esta expiação? Quem és tu, na minha vida?

JOÃO

Ninguém, tens razão. Apenas um amigo. Mas um amigo que caminha ao teu lado, e que tem o direito de te dizer: vê o chão que pisas, porque me salpicas de lama! É preciso que essa mulher não volte a estragar a tua vida e a minha. Que ninguém mais nos ria na cara. Que tudo fique morto e bem morto.

ANTÓNIO

Morto já tudo está!

JOÃO

Porque tôda a gente diz que tu vives à custa dessa mulher. Que é ela que te sustenta, que paga o que tu comes, o que tu vestes, o que tu fumas... Já tôda a gente o diz! Tu, à custa dela; eu, à custa de ambos! Vê, que vergonha! Sacrificaste o teu melhor amigo, levaste-o a

fazer uma figura de bandalho. Sim! Pois o que sou eu, no meio disto tudo? Eu, que preciso dum nome para viver!

ANTÓNIO

Mas eu também sofro! Tu não falas senão de ti!

JOÃO

É justo que tu sofras pela situação que criaste; mas que eu sofra, não! Ela é tua amante, não é minha. Quiseste uma prova? Vais ter a prova. Ver com que cara ela vem para os beijos dos outros!

ANTÓNIO

João!

JOÃO

Verás que o teu amigo não te enganava. Êle, que te abriu os braços quando tinhas fome... *(comovido)* Que te quer como a um irmão, como a um filho! Que te admira, que te defende! O teu amigo não te enganava, António!

ANTÓNIO, *caindo-lhe nos braços*

João! Meu pobre João! Eu fui ingrato contigo!

JOÃO

Tu tens talento. Mas não tens carácter ainda. Para o formar, é preciso ser forte. E para ser forte, é preciso não amar. Uma mulher, na vida dum homem como tu, mesmo quando não é a desonra, é a fraqueza, é a renúncia, é a abdicação. Desde que essa criatura entrou na tua vida, vê lá se escreveste uma só página bela, se tiveste um só pensamento grande! Nada. Estás esgotado, estás liquidado. A serpente que se enroscou ao teu corpo, entorpeceu-te e envenenou-te. Os amores vulgares são para os homens vulgares. Não ames. Forma o teu carácter.

ANTÓNIO

O meu carácter! Eu sei lá se tenho carácter... O que eu sei, agora, é que tenho coração! Que tudo me dói, cá por dentro! *(levantando-se)* Mas que estamos nós a fazer aqui? Bem vês... É um sofrimento escusado. O meu caminho já sei qual é. Deixá-la, separar-me dela, nunca mais a ver... Nunca mais! *(caindo, de novo, no sofá)* Ai, a minha alma! E quem me diz que a não mato, quando ela entrar aquela porta!

JOÃO, *serenamente, olhando-o*

Descansa. É preciso ser forte para matar. Tu não és homem que mate ninguém.

ANTÓNIO

Quem mo diz a mim!

JOÃO

Não és. Digo-to eu. Fica.

ANTÓNIO

Mas isto é uma agonia inútil! Tu não podes levar tão longe o teu ascendente sôbre mim. Eu tenho vontade própria, entendes? Eu penso, eu sinto, eu vivo! Hei de sair quando quiser! Ouves?

JOÃO, *num sorriso frio*

Bem vês. Não te embaraço o caminho. Vai!

ANTÓNIO, *depois dum momento de luta interior*

Não, não... Não posso! Êste pobre coração, que se despedaça!

JOÃO

Vamos!

ANTÓNIO

Não... Tu bem sabes. Antes que quisesse, não podia sair daqui. Fico à espera dela... Como um cão... *(soluçando)* Deus de piedade! O que eu sofro! O que eu sofro!

JOÃO, *olhando-o*

Mal empregadas lágrimas, por uma mulher que as não merece!

IZIDRO, *entrando e dirigindo-se à janela da direita baixa*

Peço desculpa. Aquilo é a noiva de Arraiolos... Primeiro que se vista... Com licença.

JOÃO, *indicando* ANTÓNIO, *que procura dissimular a comoção que o domina*

O meu amigo em que lhe falei.

IZIDRO

Cavalheiro... Muito gôsto. — Com licença. É um instantinho. Dizer adeus à minha mulher...

JOÃO, *vendo* IZIDRO *abrir a janela*

Saiu?

IZIDRO

Já vai na rua. *(diz adeus à mulher; fecha a janela, embevecido)* Coitadinha, é um anjo! *(a* ANTÓNIO) Pois o que v. ex.ª queria sempre se arranjou...

JOÃO

O sr. Izidro sai? *(procurando com o olhar)* O meu chapéu...?

ANTÓNIO, *a* JOÃO

Aonde vais?

JOÃO, *nervosamente, baixo*

Ajustar umas contas com essa canalha que te calunia. Estavam ali, há pouco, no Martinho... Riram, quando eu passei. *(pegando na bengala de* ANTÓNIO*)* Levo a tua bengala. Vamos a ver quem se ri, no fim de tudo!

IZIDRO, *encontrando o chapéu*

Ah! Está aqui.

ANTÓNIO, *olhando o amigo com ternura e agradecimento*

João!

IZIDRO, *a* JOÃO, *abrindo a porta*

Ás ordens de v. ex.ª

JOÃO, *saindo*

Adeus. Eu volto.

IZIDRO, *a* ANTÓNIO, *querendo fazer conversa*

V. ex.ª é da província?

ANTÓNIO, *levantando a cabeça, olhando-o, e caindo de novo no mesmo abatimento*

Sim. Creio que sim.

IZIDRO

Longe?

ANTÓNIO

Longe.

IZIDRO

Isto, Lisboa, sempre é outra coisa.

ANTÓNIO

É.

IZIDRO

Mais bonito. Eu, quando vim para cá, ainda havia o Passeio Público. Quando casei com a Encarnação é que o deitaram abaixo. Bons tempos! É verdade... *(depois dum silêncio)* V. ex.ª não conhece a minha mulher? *(apontando o retrato)* Aquele era o pai. Um homem de muitos sentimentos. Era ourives.

ANTÓNIO

Que horas são?

IZIDRO

Já passa das três e meia. Não deve tardar.

ANTÓNIO, *baixo, num lampejo de esperança*

Se ela não viesse!

IZIDRO, *olhando ainda o retrato*

Pois é verdade. Ourives. Êle era de côr. Mas gostava muito da filha. Lá o ser de côr, não tira... V. ex.ª não acha? *(batem à campainha).*

ANTÓNIO, *levantando-se*

É ela?

IZIDRO, *espreitando pelo ralo da porta*

É ela.

ANTÓNIO

Deixe. Eu abro.

IZIDRO

É melhor.

ANTÓNIO, *empurrando* IZIDRO

A chave desta porta? (IZIDRO *sai pela esquerda baixa;* ANTÓNIO *fecha a porta por onde êle saiu e abre a porta da escada)*

HELENA, *dando de cara com* ANTÓNIO, *e recuando, mortalmente pálida*

António! António! *(amparando-se à ombreira da porta)* Isto foi uma traição!

ANTÓNIO

Entra! Pois tu não vinhas para entrar? Entra! Não vinhas à procura de quem te pagasse os beijos e as vergonhas? Entra! Tens-me a mim. Sou um homem como os outros. Entra!

HELENA

António!

ANTÓNIO, *agarrando-a brutalmente e obrigando-a a entrar*

Entra, duma vez! Para que é tôda essa comédia? Vinhas rir, amar, beijar...! Foi para isso que te chamei. É para isso que se chamam as mulheres perdidas. Apeteceste-me, hoje! Descansa. Não fico a dever-te um real. Nós somos estranhos um ao outro. Tenho dinheiro! Arruinei-me! Pago-te! *(atirando-lhe um maço de notas)* Toma!

HELENA, *num grito*

Não, António! Antes me batas... Bate-me! Bate-me, pelo amor de Deus! Faze o que quizeres... Mas não me ofendas, tem dó de mim... Eu sou uma desgraçada!

ANTÓNIO

E eu? O que sou eu? O que fizeste tu do que eu era? Tu sabes a que lama e a que bai-

xeza me fizeste descer? Sabes o que é isto...? Isto tudo? Estar nesta casa, ao pé de ti? Engulir as lágrimas, para te poder rir na cara? Sabes o que é isto para um coração? Sabes...? Sabes? Porque me mataste tu? Porque despedaçaste tu a minha vida inteira? Dize! Dize! Para que me fizeste chegar a êste desprêzo que eu sinto agora por ti...?

HELENA

Desprêzo!

ANTÓNIO

A êste profundo desprêzo, que me enche a alma de fel, que me faz corar de vergonha ao pensar nos beijos que te dei!

HELENA, *olhando* ANTÓNIO, *numa expressão de dor serena e profunda*

E não tens nada no teu coração, senão o desprêzo? Os meus sacrifícios não teem direito a mais nada na tua alma? É tôda a lembrança de mim, com que tu ficas? É o desprêzo! Eu não mereço mais... Só o desprêzo! Esta mulher perdida que tu encontraste no teu caminho, rica, feliz, contente, que se deu tôda numa paixão, que se atirou para os teus braços, que deixou tudo por ti, que se sacrificou à tua miséria, que fêz vergonhas porque te amava muito... Porque te amava muito! Essa mulher não merece

mais nada! Só o desprêzo... Um pontapé... O dinheiro atirado à cara! Porque ela não tem coração...! Não! Ela não sente, como as outras! Não sofre... *(num murmúrio cortado de soluços)* É um farrapo, uma mulher perdida... Não merece mais... Um pontapé...

ANTÓNIO

Mas tu não compreendes...? Tu não compreendes que a minha vida inteira está morta? Para que me atraiçoaste tu? Que precisão tinhas? Para que fizeste tu isto? Para que vinhas a esta casa, como a última das desgraçadas? Para que vinhas tu aqui...? *(soluçando)* Helena! Helena!

HELENA, *numa serenidade dolorosa*

Para viver.

ANTÓNIO, *violento*

Mentes! Mentes! *(caindo em si e reparando no horror daquela confissão)* Para viver? Então...? Ai, minha alma, que eu endoideço! Então o que eu te dava, ganho com o meu orgulho, com o meu talento, com o meu sangue, tudo isso não era bastante para ti? Que mais querias tu? Já não se pode viver sem vergonha, neste mundo? *(apertando a cabeça nas mãos convulsas)* Era preciso...!

HELENA

António... Escuta. — Tu não sonhas o que eu tenho sofrido... Tu nem sabes o que é a vida, António! — Como te hei de explicar êste triste passo que dei, se não tens serenidade nem sangue-frio para me ouvir!

ANTÓNIO

Sangue-frio! E tu queres sangue-frio num desgraçado como eu...? Não. Não me digas nada. Eu não quero ouvir-te. Eu não tenho nada que te ouvir!

HELENA, *serenamente*

Mas é preciso. É preciso que tenhas coragem. Eu devo dizer-te tudo. Tudo. Confessar-te tudo. Desde que vivo contigo, é a terceira vez que venho a esta casa. *(a um gesto doloroso de* ANTÓNIO*)* Não. Tens de me ouvir. — É a terceira vez. E tu sabes que dor é vir aqui, com o coração cheio de amor por um só homem? Tu sabes quantas lágrimas isso custa? Quantas lágrimas me custava a mim, que te amo num desespêro, como nunca amei na minha vida? Tu sabes? Dize... Tu sabes que horror é fazer dinheiro dos beijos dos outros... Para viver! Para viver!

ANTÓNIO, *suplicando*

Ah! Não digas mais! Não digas, que me despedaças a alma... Cala-te, por misericórdia!

HELENA

Não. Hás de ouvir-me, agora. Lembras-te do que eu te disse, naquela noite em que me decidi a viver contigo? Quando caiste no sofá, perdido de Champagne...? Disse-to num beijo, lembras-te? Que te amava mais, muito mais ainda, por que tinha a certeza de que ia ser desgraçada. E foi a amar-te, cegamente, que eu me dispus ao sacrifício... Abandonei tudo, as minhas jóias, todo o luxo em que vivia. Mas eu já sabia, António... Ia deixar de ser amante dum, para ser amante de todos. Sujeitei-me à tua miséria. Fiz o que muitas noivas não fazem, sujeitar-se à miséria do homem que amam... Eu sabia bem que tu não tinhas nada... Que mal chegava para os dois, para ti e para o teu amigo... *(dolorosamente)* O teu amigo! E, entretanto, fiquei. Fiquei naquela casa. Quási nua... A roupa que tinha vindo não chegava. Faltava-me tudo. Tudo! Calcula o meu suplício... Eu, que queria ser a mesma ainda para os teus beijos, conservar ao menos a aparência do luxo que te deslumbrava... Porque eu conheço os homens. Eu sabia que, se me visses com umas meias

rôtas, te aborrecias de mim. Foi uma luta de tôdas as horas, de todos os instantes, comigo mesma... Vocês jantavam fora, quási sempre. Eu ficava em casa. E para guardar o dinheiro para roupa, para cuidar de mim, para tôdas estas pequenas coisas de que uma mulher precisa, não gastava... Passava fome... Fome!

ANTÓNIO

Passavas fome?

HELENA

Mas ai, com que alegria eu ficava sem jantar! Ás vezes, umas romãs... Mais nada. Dois dias, três dias a fio... E como eu ria, depois, entre os teus beijos! Como eu ria! Tu dizias-me: andas tão pálida... Lembras-te? E eu, com mêdo de que tu desconfiasses da minha fome, do meu hálito de fraqueza, — ao sentir-te tocar à campainha, ia muito depressa, punha *rouge* na cara, nos beiços... Tu ficavas muito contente... Beijavas-me... Que já tinha melhor côr, que já estava outra... E mal sabias tu que eu só vivia dos teus beijos!

ANTÓNIO, *soluçando*

Helena! Como tudo isto é doloroso! Não digas mais... Eu não quero ouvir!

HELENA

Depois, nem dinheiro havia para as primeiras necessidades. O pouco que ganhavam, gastavam-no vocês, lá por fora. Não sei... Não sei como vocês viviam na ilusão de que davam muito para a casa... E eu, que tinha de aparecer-te vestida e calçada, que tinha de sair contigo, pelo teu braço, de ser a tua amante, a tua vaidade, o teu orgulho, — para vocês não desconfiarem, alimentava essa ilusão... Que sim, que davam muito, que chegava... Mas as contas choviam à porta. Um dia faltou o dinheiro completamente. Não tinha recursos. Vi-me cheia de dívidas... Foi então que procurei a mulata. Atirei-me nos braços dela, disse-lhe que estava perdida, pedi-lhe que me salvasse... E a salvação foi a vergonha... A vergonha! Para tu não teres a sombra dum desgôsto, para não pensares em dinheiro, para te ver feliz, ainda que eu sofresse, que sofresse muito, que chorasse como nunca chorei na minha vida...! Aqui tens, António... Aqui tens o que são as mulheres da minha laia... Aqui tens o que eu sou... O meu crime... As minhas lágrimas... Êste farrapo, que é o meu coração... E se te atraiçoei como as que atraiçoam, se te não amei com tôda a minha alma, se não me sacrifiquei por ti até à vergonha, se sou a mulher perdida a

quem se atira um maço de notas, se nem sequer mereço o teu perdão, — dá-me um pontapé, bate-me, manda-me embora, paga-me com o teu desprêzo... Mas vê, vê que eu sou uma desgraçada!

ANTÓNIO, *caindo-lhe nos braços, soluçando*

Helena! Ai, deixa-me chorar!

HELENA, *com os olhos brilhantes, numa expressão de infinita ternura*

Meu amor... Minha alma...! Nos meus braços... É a tua Helena... Ninguém nos vê... *(aconchegando-lhe a cabeça ao peito)* Chora... Chora à vontade... Chora... Chora...

JOÃO, *assomando à porta entreaberta, a gravata em desalinho, a cara ensanguentada*

António! Tu beijas essa mulher!

ANTÓNIO, *levantando-se, como quem desperta, e repelindo* HELENA

Não! Não! Não pode ser... Eu enlouqueci! *(olhando o amigo)* João! Mas que tens tu? Sangue...?

JOÃO, *serenamente*

Caluniaram-te. Defendi-te.

ANTÓNIO

João!

JOÃO

Defendi-te, como se defende um filho muito querido. Jurei que tinhas deixado essa mulher. Porque essa mulher é indigna de ti. Escolhe, agora, entre a amante que te atraiçoou e o amigo que te defendeu!

ANTÓNIO, *caminhando para* HELENA, *mas detendo-se, a um olhar de* JOÃO

Helena! Helena...! Êle tem razão... Está tudo acabado. Eu amo-te, eu tenho a desgraça de te amar... Mas ainda que se me despedace o coração, está tudo acabado entre nós. Porque há uma coisa ainda maior para mim, ainda mais alta e mais sagrada do que o meu amor...

HELENA

É o teu amigo!

ANTÓNIO, *saindo, a chorar, levado por* JOÃO, *os olhos fitos em* HELENA

É o meu orgulho!

HELENA, *num grito, quando* ANTÓNIO *sai*

Tudo acabado...? Não! Não, que eu morro! *(atirando-se, como doida, de encontro à porta do fundo)* António! António! António!

O pano cai, rápido.

QUARTO ACTO

O mesmo scenário dos dois primeiros actos. Sete horas da tarde. Uma luz azulada de crepúsculo coa-se pelas tabuinhas. Malas de viagem espalhadas pela casa.

QUARTO ACTO

AMPARO, *elegantemente vestida, e* ANTÓNIO, *no sofá da direita*

ANTÓNIO

A que devo, então, o prazer da sua visita?

AMPARO

Não será um grande prazer, sr. António Carvalhais. Venho falar-lhe de coisas bem tristes.

ANTÓNIO

Ah!

AMPARO

E tão tristes, que levei muitos dias a hesitar se deveria ou não procurá-lo, sabe...? Muitos dias. Porque, emfim, o sr. Carvalhais não me conhece. Ou conhece-me mal. Creio que só nos vimos uma vez...

ANTÓNIO, *recordando-se*

Sim... Uma vez.

AMPARO

Num baile de S. Carlos.

ANTÓNIO

É exacto.

AMPARO

Bem vê... A impressão que lhe deixei não devia ser das melhores. Uma *Pierrette* azul... Lembra-se? Mas uma *Pierrette* a transbordar de Champagne... E é certo. Sou uma rapariga estouvada, alegre, caprichosa... *(rindo)* Telhuda, mesmo... Mas tenho um bocadinho de coração. É um defeito, não é?

ANTÓNIO

Um defeito, porque se sofre.

AMPARO

É um defeito, é. Eu sei que é. Uma pieguice. Mas que hei de eu fazer? Tenho chorado muita lágrima pelo sofrimento alheio, acredita?

ANTÓNIO

E pelo seu?

AMPARO

Pelo meu, não. Sou feliz.

ANTÓNIO

Ainda é uma felicidade, poder chorar pelos outros.

AMPARO

É. Os felizes deviam ser todos bons. É desde que sou feliz que me acontece isto. Comovo-me por tudo. Dou às vezes comigo a chorar sòzinha... Sou uma tôla, uma boa rapariga... *(vendo as malas espalhadas pela casa)* Perdoe-me a pergunta. Para que são estas malas?

ANTÓNIO

Parto hoje.

AMPARO, *com tristeza*

Ah! Parte...?

ANTÓNIO

Tenho minha mãe doente. A morrer. Quero dar-lhe o ultimo beijo. Recebi um telegrama de meu pai.

AMPARO

E parte para muito longe?

ANTÓNIO

Alentejo. *(depois dum silêncio)* Porque pergunta?

AMPARO

Nada. Perguntei. Vi as malas...

ANTÓNIO

Vinha, então, falar-me...?

AMPARO

Da Helena.

ANTÓNIO

Ah! Sim... — Tornou a vê-la?

AMPARO

Tornei.

ANTÓNIO

Já depois de...?

AMPARO

Quando soube que a Helena tinha tentado suicidar-se por sua causa, fui logo vê-la ao hospital. Compreende... Nós, que vivemos do amor, temos muito respeito pelas que sofrem pelo amor. Estava, como qualquer pobre, na enfermaria de Santa Joana. Disseram-me que era preciso operá-la. Mandei-a passar imediatamente para um quarto particular. Tinha lá médicos amigos, rapazes que, também, só conheciam a *Pierrette*... Tôdas as despezas teem corrido por minha conta, é claro. — Ah! Mas não lhe digo isto para que suponha que fiz um

favor... Não. Cumpri um dever. Ela, àmanhã, faria o mesmo por mim.—Tenho ido vê-la muitas vezes. Sou eu que a acompanho. Até o meu inglês lá foi... E chorou... *(rindo)* Um inglês a chorar, imagine! Ás vezes ficamos lá os dois, ao pé dela, a distraí-la, à espera de o ver entrar a si... As horas vão passando... Os dias vão passando... E o senhor ainda não teve cinco minutos para a ir ver! Uma mulher que o amou com tôda a sua alma! Que era rica, feliz, e que deixou tudo pelos seus braços... porque o amava! Não teve um momento para a ir ver!

ANTÓNIO

Sabe lá! Sabe lá o que eu tenho sofrido!

AMPARO

Uma mulher que quis morrer por si!

ANTÓNIO

Se adivinhasse! Se adivinhasse tudo o que se tem passado na minha alma, desde êsse dia! Que horror tem sido a vida para mim! A Amparo, que é uma mulher de coração, havia de sofrer comigo, se eu lho dissesse... Se eu lhe contasse tudo!

AMPARO

Não. Não tem desculpa. Perdoe que lhe diga, mas não tem desculpa. Há vinte dias que ela está no hospital, e é o senhor o único que a não vai ver, dizer-lhe uma palavra de piedade e de perdão... Porque eu já não lhe pedia que a amasse, pedia-lhe que tivesse dó dela. Mas os homens são tão egoístas! Até os de mais sentimento e de mais coração... Tão egoístas!

ANTÓNIO

Não, Amparo... Não me julgue mal. Se eu lhe disser que ainda amo a Helena, com tôda a paixão que a desgraça aumentou, eu não lhe minto, creia...

AMPARO

E falam em amor, os senhores, que não sabem o que é um sacrifício!

ANTÓNIO

Creia... Quando ela se quis matar, quando eu soube do desastre, pensei em ir logo ao hospital, trazê-la para casa, tratá-la eu... Sei lá! Sei lá o que pensei! Mas não tive coragem. Não pude. Tive mêdo de a ver, covardia de a ver... Porque eu sentia que tôda aquela desgraça era obra minha. Tinha cá dentro a cons-

ciência a dizer-mo! Se houvesse alguém que me agarrasse pela gola do casaco, e me dissesse: vai! faze o teu dever! Eu tinha ido. Não a tinha desamparado um instante... Mas assim...! Faltou-me a fôrça, faltou-me a coragem...

AMPARO

Nos primeiros dias, ainda se compreende. Mas depois? Porque não foi depois?

ANTÓNIO

Depois... Não fui, porque... *(hesitando)* Porque tive vergonha de não ter ido há mais tempo! *(dolorosamente, a cabeça entre as mãos)* Ah! Creia... Creia, Amparo! Não há nada mais repugnante, mais fraco, mais miserável do que um homem!

AMPARO

Sobretudo quando tem um amigo que o domina, não é verdade?

ANTÓNIO

Um amigo...! Sei lá se é um amigo!

AMPARO

Confesse, confesse... Foi o seu amigo que

o levou a isto. Se ouvisse o próprio coração, o senhor tinha perdoado a essa mulher que o amava, a essa mulher que o senhor perdeu... *(a um gesto de* ANTÓNIO*)* Sim, perdeu! Porque ela vivia rica e feliz com um homem, e foi o senhor que a obrigou a sacrificar-se à sua miséria. Perdoe a franqueza com que lho digo. Mas a verdade é esta. Um homem que não tem meios para sustentar uma mulher, não deve trazê-la para a sua companhia. E trazendo-a, como o senhor fêz, não tem o direito de lhe exigir fidelidade. Não tem. Não tem êsse direito!

ANTÓNIO

Mas, meu Deus...! Não me compreende. Queria então que eu a tornasse a receber em casa? Para tôda a gente dizer que eu vivia à custa dela? Para ser tratado como um canalha por todo o mundo?

AMPARO, *friamente, encarando-o*

E então...? Que tinha?

ANTÓNIO

Pois queria que eu me sacrificasse a isso? E a minha dignidade? E o meu orgulho?

AMPARO

E ela, não se sacrificou por si? À miséria? A tudo?

ANTÓNIO

É diferente.

AMPARO

É o mesmo. Tal qual o mesmo. Sacrifício por sacrifício. Porque o senhor bem sabia que ela não o atraiçoava. Aquela desgraça não se chama atraiçoar. Digo-lho eu! A quem amava ela, do fundo do seu coração, fielmente? Não era a si? Só a si? Então devia ter-lhe perdoado.

ANTÓNIO

E quem lhe diz, Amparo, que eu não lhe perdoei já, de tôda a minha alma?

AMPARO

Sim... Eu vejo no seu olhar. Tinha-a recebido de novo, se não fosse o seu amigo. Por que o senhor, na mão dêle, é um brinquedo de criança. Êle domina-o, faz de si o que quer. E o senhor é tão fraco, que não se emancipa dessa tutela! Deixe-me falar-lhe assim. Eu sou mulher, e as mulheres teem o direito de se defender, porque ninguém as defende! *(depois dum silêncio)* Diga-me... Porque não vai ver

a Helena? Ela está já boa... Quási boa... Queria sair já ontem do hospital... Fui eu que não deixei. Prometa-me que vai... Dê-lhe ainda a alegria de ir vê-la...

ANTÓNIO

É impossível. Por que veio tão tarde? Daqui a pouco é a hora do combóio. Tenho de partir.

HELENA

E demora-se muito?

ANTÓNIO

Sei lá!

AMPARO

Não volta?

ANTÓNIO

Para quê? Para a dor inútil de a tornar a ver?

AMPARO

É que o senhor não a ama. Nunca a amou... Nem sequer se lembra de que ela fica perdida, mutilada... Por sua causa!

ANTÓNIO

Mutilada?

AMPARO

Pois não sabia ainda...? Veja o que o senhor se interessa! É extraordinário!

ANTÓNIO

Nada me disseram!

AMPARO

Porque não quis saber.

ANTÓNIO

Que se tinha atirado duma janela... Nada mais.

AMPARO

Um carro que passava esmagou-lhe um braço. Tiveram que lho cortar no hospital. Foi peor do que a morte. Para que serve agora aquela mulher? Para que a querem? Voltar ao teatro, como a princípio? É impossível. Trabalhar? Com que braços? Amar? Com que beleza? Antes Deus a tivesse levado...

ANTÓNIO, *escondendo a cara com as mãos*

Mutilada! Que horror! E ainda a Amparo quer que eu vá vê-la ao hospital! Eu podia lá! Eu tinha lá coragem para a ver! — Meu Deus! Meu Deus!

AMPARO, *quando* JOÃO *assoma ao fundo, pálido, fisionomia de sofrimento, andar de tabético*

Ah!

JOÃO, *num cumprimento acanhado*

Minha senhora...

ANTÓNIO

Não se conhecem...? *(apresentando)* O meu amigo João Soares. Uma amiga da... da Helena.

AMPARO, *medindo* JOÃO, *num olhar de desprêzo*

Não tenho prazer nenhum em o conhecer. *(a* ANTÓNIO, *levantando-se)* Lastimo que não possamos continuar a nossa conversa. Saio daqui com a certeza de o ter compreendido, creia. *(estendendo-lhe a mão)* Boa tarde.

ANTÓNIO, *abrindo a porta*

Pois já vai...?

AMPARO, *na escada*

Estimo as melhoras de sua mãe.

JOÃO, *deixando-se cair numa cadeira*

Não se pode dizer que seja muito amável. Parece-me.

ANTÓNIO, *fechando a porta e vindo sentar-se no sofá, nervoso, os cotovelos nos joelhos, a cabeça nas mãos*

Mas vinte corações como os nossos, não valiam o dela.

JOÃO

Sim... De-certo. Deve fazer do coração muito boa moeda. A julgar pelos brilhantes que traz nos dedos. *(pondo sôbre a mesa um pequeno embrulho que tira da algibeira)* Sabes o que é isto? Morfina. As dores vão a mais. E eu não quero ter dores. Está decidido. — Sempre partes, no combóio das oito?

ANTÓNIO, *sêcamente*

Parto.

JOÃO

Já fizeste as malas?

ANTÓNIO

Já.

JOÃO

E quando voltas?

ANTÓNIO

Não sei.

JOÃO

Fico só. Sem um amigo. Sem ninguém. Hão de ser mais terríveis as dores. Estas...

(num tom de voz misterioso) E as outras. — Sabes? O Avelar confirmou o diagnóstico. É tabes dorsal. Estou perdido. Que coisa estúpida, morrer aos pedaços! — O que vale é que está na minha mão apressar o fim. *(depois dum silêncio)* Quando voltas, então?

ANTÓNIO

Já te respondi. Não sei.

JOÃO, *fitando-o*

O que veio dizer-te essa mulher?

ANTÓNIO

Que eu sou um canalha, e tu outro.

JOÃO, *numa serenidade dolorosa*

Só?

ANTÓNIO

Só.

JOÃO

É pouco.

ANTÓNIO

O resto não te interessa.

JOÃO, *numa dor sincera*

Porque me falas tu assim, António?

ANTÓNIO

Porque estou farto de pensar pela tua cabeça, e quero pensar pela minha!

JOÃO

Serás tu capaz dum pensamento grande?

ANTÓNIO

Deixei de ser uma criança nas tuas mãos! A tutela acabou. Entendes? Acabou.

JOÃO

Por conseguinte, essa mulher veio dizer-te que maltratasses o teu amigo, não é verdade?

ANTÓNIO

Não. Eu não tenho o direito de maltratar-te. Somos dignos um do outro.

JOÃO, *depois de novo silêncio*

António... Porque me falas tu assim? Que te disse essa mulher?

ANTÓNIO

Que tínhamos, eu e tu, inutilisado uma criatura humana. Achas pouco?

JOÃO

Já sabes tudo?

ANTÓNIO

Tudo.

JOÃO

Foi verdade. Amputaram-lhe um braço.

ANTÓNIO

Peor mil vezes do que a morte.

JOÃO

Peor.

ANTÓNIO

E fomos nós que a matámos!

JOÃO

Para que a trouxeste para a nossa miséria?

ANTÓNIO

E tu, porque me não deixaste perdoar?

JOÃO

Eu?

ANTÓNIO

Porque abusaste tu do teu ascendente sôbre mim? Sim! Porque esta é a verdade. Tu ti-

veste a arte criminosa de absorver a minha vida inteira, de me tornar um boneco nas tuas mãos. Pouco a pouco, sem dar por isso, pensando que fazia a minha vontade, estava fazendo a tua. Levavas-me para onde querias, como se leva um cego. Eu já pensava com as tuas ideas, já falava com as tuas palavras. Ainda tu me dizias: forma o teu carácter! E o meu carácter, nas tuas mãos, era o teu! Quando eu dei por isto, por esta dominação — que até é vergonha confessar! — já era tarde. Só separando-me de ti. Pensei mil vezes em o fazer. Mas, de repente, tu lisonjeavas-me a vaidade, defendias o meu talento a murro pelos cafés, e eu ficava rendido, de braços quebrados, cada vez mais dominado por ti, cada vez mais fraco, cada vez mais miserável! Porque é preciso que eu o confesse, aqui, na tua cara, para minha vergonha. Eu nunca fiz a minha vontade. Fiz sempre a tua, o que tu me mandavas fazer. Obedecia-te cegamente. Portanto, o único responsável pelos meus actos és tu! Foste tu que a perdeste, foste tu que a mataste... Tu! Só tu!

JOÃO, *serenamente*

E, se não fosse eu, tinhas a certeza de perdoar?

ANTÓNIO

Tinha. Porque sou fraco. Porque sou bom.

Em casa da mulata, naquele horrível dia, tinha ficado a beijá-la, a chorar-lhe nos braços... Se tu não tivesses entrado, era eu que lhe pedia perdão a ela... Era eu! Com certeza!

JOÃO

E a tua dignidade...?

ANTÓNIO

A minha dignidade! Que me importa a minha dignidade!

JOÃO

Há fraquezas que desonram. Eu lembrei-te que eras um homem digno. Nada mais.

ANTÓNIO

Ah, não! Não foi. Não foi só pelo zêlo da minha dignidade, que tu fizeste isto tudo. Houve qualquer outra razão que eu desconheço. Porque eu vivo há cinco anos contigo, e ainda não compreendi bem o teu carácter. Tu tinhas rancor àquela pobre criatura. Por fôrça! Querias-lhe mal, João. Querias perdê-la, por qualquer motivo... E perdeste-a! E mataste-a!

JOÃO

Ouve, António. Tu partes daqui a três quartos de hora. Pouco tempo já temos para falar. Eu estou mal. Doente. Morto. A sífilis

de meu pai rói-me a medula. É possível que tu não voltes. É quási certo que não voltas mais. Vejo-o nos teus olhos. Conheço-te bem. É a última vez que falamos um com o outro. Eu sei que estou condenado no teu espírito. Desde que essa criatura quis matar-se, senti que o morto na tua alma era eu. Tens talvez razão. Escuta. Vou falar-te de alma para alma, António. Não tive outra afeição na minha vida, senão tu. Quis-te como a um filho. Na minha existência inútil tu foste o único sentimento desinteressado e grande. Porquê? Não sei. Porque te vi na miséria e te abri os braços? Talvez. E, entretanto, antes de ser teu amigo, eu era um desgraçado. Entendes? Um desgraçado. E os desgraçados são maus. Devemos fugir dêles, como de serpentes. Não tornes a procurar um amigo que sofra. Porque, se tiveres uma felicidade na vida, êle há de amargurá-la, há de envenená-la, e não descansará emquanto tu não fores tão desgraçado como êle. Quando se vive na desgraça, quando se nasceu predestinado para devorar o fel da vida, ainda se pode perdoar a felicidade dum estranho; a dum amigo não se perdoa nunca.

ANTÓNIO, *olhando-o, fixamente*

João! João! Eu só agora começo a entender-te!

JOÃO

Ouve... Tu lembras-te de eu te ter contado que durante o meu curso de medicina passei fome? Lembras-te? Fome... Havia dias em que só comia uma bolacha de embarcadiço e bebia um copo de água. Mas, como tinha um orgulho desmedido, não queria que ninguém suspeitasse da minha miséria. E ia então ao Martinho, procurar os amigos, os conhecidos, a canalha. Tudo gente feliz, bem nutrida, gorda, imbecil. Às vezes ia tão fraco, que os ouvidos zumbiam-me e até as luzes me faziam mal... Êles ofereciam-me café — café, a mim, que não tinha jantado! — e eu sentava-me à mesa dêles, com um rancor surdo a devorar-me, e começava a feri-los, a irritá-los, a dizer-lhes insolências, a cobri-los de ridículo, a machucar-lhes a vaidade, para lhes azedar o jantar, lá dentro... Quando os via pálidos, enfiados, mordendo os beiços, olhando-me com ódio, — a alegria, a satisfação, o prazer infernal que eu tinha! Criei, assim, fama de mau, de bilioso, de azêdo, — e o que eu era afinal, António, era um desgraçado com fome... — Foi o mesmo que sucedeu quando tu te juntaste com essa criatura. Eu, que nunca tinha amado, que conhecia a mulher sem ter conhecido o amor, que nunca compreendera bem o que havia de sagrado num beijo, eu, que sou

feio, brusco, acanhado, miserável, — quando senti junto de mim a felicidade dum grande afecto, não pude furtar-me à tentação de a azedar também, como azedava o jantar dos outros... Desde que trouxeste essa mulher para a nossa casa, não se passou um dia em que eu não procurasse todos os pretextos para te indispor com ela, para envenenar o teu coração, para coalhar em lágrimas aquela alegria, aqueles beijos que me faziam mal, que eram facadas para mim, quando os sentia, de noite, no quarto pegado ao meu... *(dolorosamente)* Tu sabes lá o que eu sofri, António! Sabes lá o que sofrem os desgraçados como eu, quando vêem alguém feliz ao pé de si! Um dia, tive a certeza de que ela ia, por miséria, a casa da mulata. Tu eras uma criança, nas minhas mãos... Foi um instante emquanto destruí a tua felicidade... *(no sofá, a cabeça entre as mãos trémulas)* Perdoa-me, António. E nunca mais procures um amigo desgraçado... Nunca mais! Nunca mais!

ANTÓNIO, *glacialmente, levantando-se e olhando o relógio*

Restam-me apenas vinte minutos ao teu lado. É o tempo preciso para acabar de fazer as malas.

(Ouvem-se passos na escada e umas arcadas de violino)

PASCOAL, *metendo a cabeça pela porta entreaberta*

Olá! Dão licença?

ANTÓNIO

Entre, maestro. Como está?

JOÃO, *levantando a cabeça*

Adeus, Pascoal.

PASCOAL, *risonho*

Venho dar-lhes uma grande novidade. Uma novidade que não esperam, com certeza. Tornei a juntar-me com ela...

JOÃO, *encarando-o*

Você...?

PASCOAL

Eu já sabia. Já sabia que mais tarde ou mais cedo... Foi hoje. Fazia anos a minha filhinha, — dei-lhe a mãe. Era o melhor presente que eu lhe podia dar! *(rindo e limpando as lágrimas)* Lá estão as duas, em cima, a chorar de alegria, abraçadas uma à outra... Coitaditas! E eu chorei, também. Inda trago os olhos rasos de água... Estou contente, senhor doutor!

ANTÓNIO, *apertando o «plaid» nas correias*

Fêz o seu dever, Pascoal. Perdoou. É êste o dia mais belo da sua vida! Digo-lho eu.

PASCOAL, *a mêdo, para* JOÃO

O senhor doutor não acha, também...?

JOÃO, *sem levantar a cabeça*

Também.

PASCOAL

Pois se eu já sabia! Quando a atirei pela escada abaixo, foi com vontade de a beijar, de lhe dizer: «Não vás, fica, não vás... Porque são os braços que te põem fora, não é o coração!» Amanhã dizem todos por aí: o Pascoal não é um homem digno, recebeu outra vez a mulher que o enganou. E a mim que me importa? É uma indignidade? Melhor. Para que quero eu a minha dignidade? Que moeda posso eu fazer dela? Quem se importa com a dignidade do Pascoal, dum rabequista de botequim? Ninguém. Acabou-se. Fiz dela a felicidade de duas criaturas. Comprei com ela risos e alegrias... Já serviu para alguma coisa neste mundo a dignidade dum homem!

JOÃO

E se algum dêsses canalhas se rir de você, porque perdoou?

PASCOAL, *pálido, crispando as mãos no violino*

Parto-lhe esta rabeca na cara! *(de novo,*

humilde, curvado, alegre) E que me importa que êles se riam? — A minha filha já não chora... — Boa noite. Hoje há zarzuela chica... Vou tocar para elas... Música alegre... Até o meu violino parece que se ri também! *(saindo, pelo fundo, a afinar a rabeca)* Como eu estou contente! Como eu estou contente!

ANTÓNIO, *fechando a última mala e atirando-a para o chão*

Êste é feliz. Êste é um herói! *(encarando* JOÃO) Porque não teve amigos... *(correndo ao fundo e chamando, do patamar da escada)* Pascoal! Ainda quero dar-lhe um abraço. Parto hoje, sim... Não suba. Eu desço. *(volta, a buscar o chapéu)*

JOÃO

Já vais?

ANTÓNIO

Já. As malas ficam. Mando-as buscar, daqui a nada.

JOÃO, *depois dum silêncio*

Não me abraças?

ANTÓNIO, *abraçando-o, com frieza*

Adeus. E, naturalmente, para sempre. Não

volto mais. Obrigado por tudo o que fizeste por mim quando cheguei a Lisboa. Nunca o esquecerei. Não sou ingrato. Obrigado.

JOÃO, *chorando-lhe nos braços*

Meu irmão! Meu filho! Eu não tive outra afeição na minha vida...

ANTÓNIO

Vim, cheio de ilusões; volto desiludido. O mal que te devo, perdôo-o de todo o meu coração. A casa de meu pai é tua. Beja. Basta perguntar... Família Carvalhais.

JOÃO, *notando-lhe a frieza*

António! António! Eu sinto que me não perdoaste ainda!

ANTÓNIO

Hei de esquecer. Quando te esquecer. *(desprendendo-se-lhe dos braços)* Adeus.

JOÃO, *seguindo-o com o olhar, até o ver desaparecer, e caindo sôbre o sofá*

O meu único amigo!

CRISÓSTOMO, *fora, no patim da escada, falando para* ANTÓNIO, *que desce*

Então o maior talento da geração sai quando eu entro?

ANTÓNIO, *fora, a* CRISÓSTOMO

Vai... O João recebe-te.

CRISÓSTOMO

Não te demores.

ANTÓNIO, *cuja voz se some no fundo da escada*

Não. Não me demoro. *(ouve-se ainda a rabeca do* PASCOAL*)*

CRISÓSTOMO, *entrando, e vendo* JOÃO

Olá...! Então como vai essa bizarria?

JOÃO, *depois dum momento, levantando a cabeça*

Mal, Crisóstomo. Mal.

CRISÓSTOMO

Desgôsto?

JOÃO

Doença.

CRISÓSTOMO, *num sorriso doloroso*

Vai a gente apodrecendo, não é assim? *(escutando a rabeca)* Mas anda cá. Qúe mania é esta agora do Carvalhais andar com um rabequista à frente? Vai prègar verdades pelo mundo? Se vai, dá em falhado, como eu. O mundo já não ouve verdades.

JOÃO

Nem há quem as diga.

CRISÓSTOMO

Pois eu, agora, se ainda tivesse ilusões, não levava uma rabeca. Levava um bombo e uns pratos, e ia prègar para o meio do Rossio, como um charlatão.

JOÃO

Verdades?

CRISÓSTOMO

Não. Mentiras. Calúnias. Tratantadas. Dentro dum ano, estava ministro de Estado.

JOÃO, *olhando-o*

Afinal de contas, Crisóstomo, não entraste na política?

CRISÓSTOMO

Não me quiseram lá. Compreenderam que eu tinha talento demais. Foi a única coisa da minha vida em que não falhei. *(pondo um embrulho em cima da mesa)* Aqui estão as botas.

JOÃO

Quê...? São outras?

CRISÓSTOMO

Não. São as mesmas, com mais quatro meses de serviço honrado, nos meus pés. *(desembrulhando-as e agarrando-lhes pelas presilhas)* Aqui tens. Não há nada mais belo e mais respeitável do que umas botas rôtas! Vê! As botas dum falhado! São o símbolo de tôda a luta pela vida. Quantas ambições nestas solas esburacadas! Que derrocada de ideais, nestas tombas que eu lhe mandei pôr! Vê! Vê se o Museu das Janelas-Verdes não devia adquirir estas botas!

JOÃO

Parece-me melhor mandá-las para o sapateiro.

CRISÓSTOMO, *pondo de novo as botas sôbre a mesa*

Enganas-te. São como nós, meu amigo. Não teem concêrto. Nós também estamos no ferro-velho da vida. Tu esverdeaste, as tuas mãos tremem. Se te visses a um espelho, tinhas dó de ti. E eu... Eu, àmanhã, já devo ter umas lunetas fumadas.

JOÃO, *sem compreender*

Hein...?

CRISÓSTOMO, *misterioso*

Sou um homem desaparecido. Um ho-

mem...? Eu nem sei bem se sou um homem. Devo ser uma sombra. Todos nós somos sombras... Sombras que falam, sombras que se movem... *(estendendo-lhe a mão)* Adeus. Toca nestes ossos. Tu também tens cara de desaparecido.

JOÃO, *notando-lhe a tremura das mãos*

Vais beber mais, Crisóstomo?

CRISÓSTOMO

Vou viajar.

JOÃO

Viajar?

CRISÓSTOMO

Sim, viajar. *(num riso doloroso)* Emprestaram-me ontem um estalinho da Índia... Dêstes que estalam no ouvido... Que têm um cano e um gatilho... *(tirando um revólver da algibeira e mostrando-o, na dobra do casaco, emquanto vai saindo)* Falhará? Falhará? Falhará...?

JOÃO

Crisóstomo! Crisóstomo! *(levanta-se, para o chamar, mas cai de novo no sofá, numa crise de dores fulgurantes)* Deixá-lo. É uma solu-

ção... Era, também, uma solução para mim... *(ouve-se fora, no botequim, a rabeca e o piano)* Como o Pascoal está contente! *(enche a seringa hipodérmica, passa a agulha na luz duma lâmpada de álcool, arregaça a manga da camisa: quando vai dar a injecção, batem à porta)*

JOÃO

Quem é? *(silêncio)* Quem é? *(indo abrir, vendo* HELENA, *pálida, envôlta numa capa preta, e recuando)* Helena!

HLENA, *serena e triste*

O António?

JOÃO, *sentindo-se cambalear*

Helena!

HELENA

Saiu?

JOÃO

Sim... Saiu.

HELENA

Perdôe tê-lo incomodado. Eu vou esperar, á fora.

JOÃO

Aonde?

HELENA

Num degrau da escada. Em qualquer parte.

JOÃO

Porque não entra? Esta casa é sua... Tão sua como era dantes...

HELENA

Sabe se êle vem tarde?

JOÃO, *hesitando*

Sim... Creio que sim... Muito tarde.

HELENA, *num movimento para retirar-se*

Espero.

JOÃO, *detendo-a, num gesto*

Não! Ouça... Helena! Eu não devo deixá-la ir... Esperar na soleira duma porta, como uma pobre...

HELENA

E que sou eu?

JOÃO

Fique. Se é a minha presença que lhe repugna, eu saio.

HELENA, *entrando e deixando-se cair sôbre o sofá*

Não é preciso.

JOÃO, *depois dum silêncio*

Não lhe peço que me perdôe, Helena, porque não há para mim perdão na sua alma.

HELENA

Engana-se. Sofri muito, e aprendi no sofrimento a perdoar. Não desejo mal a ninguém. Nem mesmo a quem mo desejou a mim.

JOÃO

Helena! E que pensa fazer agora?

HELENA

Eu? Perguntar ao António se ainda me quer. Dizer-lhe que não posso já viver sem êle, que quanto mais sofro, quanto mais desgraçada sou, mais o amo... Suplicar-lhe que me queira ao menos para sua criada, se já me não quiser para sua amante... Eu aceito tudo, resigno-me a tudo, contanto que possa ainda estreitá-lo nos meus braços... *(recordando-se, num soluço)* Nos meus braços!

JOÃO

Helena!

HELENA

Eu já não tenho braços para abraçar ninguém.

JOÃO

Se soubesse! Se soubesse quantas lágrimas caladas, de noite, para êle não me ouvir chorar! Era o remorso... E, de vez em quando, a sua figura pálida aparecia-me, como agora, mas com outro olhar, mais implacável e mais frio... Fui eu que a matei, Helena! *(escondendo a face nas mãos)* Perdoe-me...

HELENA

Não. Foi a desgraça.

JOÃO

Se eu alguma vez tivesse amado, ah, como eu seria uma alma doce e cheia de bondade! Mas não. Nunca um sorriso de mulher passou na minha vida. Vivi sempre só. O que há de grande e de sagrado num beijo, só o conheci quando a via beijar o António... Nunca tive um carinho de ninguém. Nunca fui amado por ninguém!

HELENA

Foi.

JOÃO, *encarando-a, os olhos brilhantes*

Eu? Amado...?

HELENA

O mais que se pode ser. Amado até à morte. Por uma pobre santa que nunca lho disse... Não se lembra da Maria Rosa?

JOÃO

Ah!

HELENA

A engomadeira, que morava aqui defronte?

JOÃO

Pois essa criança...?

HELENA

Amava-o. O amor foi mais forte do que ela. Matou-a.

JOÃO, *balbuciando, numa comoção onde há um certo encanto*

A Maria Rosa!

HELENA

Morreu no hospital, numa cama ao lado da minha. Ouvi-a, na agonia, repetir o seu nome... João! João! Até que a bôca sem côr se lhe fechou para sempre...

JOÃO, *quási com alegria*

Eu fui amado! Eu fui amado na vida! Atiraram pedras preciosas ao meu caminho... E eu tão cego, que as não soube ver! *(andando pela casa)* Eu fui amado! Eu vivi num coração! *(caindo sôbre uma cadeira)* Pobre, pobre Maria Rosa!

HELENA

Não encontrou, naquela gaveta, uma imagem do Senhor crucificado?

JOÃO

Não.

HELENA

Veja... Debaixo da roupa...

JOÃO, *revolvendo a gaveta, febrilmente, e encontrando*

Ah!—É esta imagem?

HELENA

Foi ela que a deixou aí, quando veio despedir-se. Dizem que os santos achados dão felicidade... Coitadita!

JOÃO, *tristemente, olhando a imagem*

Bem se vê que não a encontrei!

UM MOÇO, *assomando à porta entreaberta*

Venho buscar as malas do sr. Carvalhais.

HELENA, *num grito de dor, olhando* JOÃO

Partiu?

JOÃO, *para o moço, que sai com as malas*

São essas. *(Para* HELENA*)* Partiu.

HELENA

Porque me enganou? Porque me não disse logo? *(soluçando)* Sem um beijo, sem um adeus, sem uma palavra!

JOÃO

Partiu, e talvez por muito tempo. Deixou-me só, doente, morto. Para aqui, ao desamparo, como um cão. E era o meu amigo!

HELENA

A minha alma!

JOÃO

A única afeição da minha vida!

HELENA, *num sonho doloroso*

Partiu! — Estou morta... Morta!

JOÃO

Não. Eu roubei-lhe a sua felicidade, tenho de restituir-lha. É a minha expiação. Vou trabalhar. Luctar, vencer, fazer a minha clínica, romper pela cirurgia, como um ladrão, como um canalha. Para ter dinheiro! Para a Helena viver com honestidade e com doçura... E nós juntos, na mesma casa, na mesma estima, esperaremos o António... Que êle volte para os nossos braços... *(dolorosamente, olhando-a)* Para os meus...

HELENA, *erguendo-se*

Não... Não!

JOÃO

Ficaremos, os dois, à espera dêle. E quando êle voltar — será num dia de sol! — eu entrego-lhe a amante, purificada pelo sacrifício e pelo sofrimento, como uma espada puríssima para o combate da vida...

HELENA

Não... Não pode ser!

JOÃO

Porquê...? Porquê? Na minha companhia... Unidos nas mesmas lágrimas... Eu aprenderia a chorar consigo a nossa dor igual...

HELENA, *dirigindo-se para a porta, numa profunda expressão de ruína moral*

O meu destino é outro.

JOÃO, *sem coragem para a deter*

Onde vai? Que vai fazer, Helena?

HELENA, *saindo*

Sei lá... Sei lá!

JOÃO, *chamando*

Helena! *(correndo à janela, quando se ouve, mais vibrante, mais alegre, a música do boteqüim)* Maldita rabeca! *(voltando para dentro, numa crise de dores tabéticas, e deixando-se cair sôbre o sofá, como um farrapo, olhando a imagem que aperta nas mãos convulsas)* Crucificados! Crucificados!

Cai o pano

LIVRARIA
GERTRANDIANA